



PUC
RIO

CARLOS EDUARDO VEIGA DA SILVA

**PARTINDO ALIANÇAS, ROMPENDO LAÇOS
E SEGUINDO EM FRENTE: UM ESTUDO SOBRE
O PROCESSO DE SEPARAÇÃO CONJUGAL**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Rio de Janeiro, julho de 1997

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**

**Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>**

N.Cham. 150 S586pa TESE UC
Título Partindo alianças, rompendo laços e seguindo em frente



Ex.1 PUCB

0135277

CARLOS EDUARDO VEIGA DA SILVA

**PARTINDO ALIANÇAS, ROMPENDO LAÇOS
E SEGUINDO EM FRENTE: UM ESTUDO SOBRE
O PROCESSO DE SEPARAÇÃO CONJUGAL**

Dissertação apresentada ao Departamento de
Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos
para obtenção do título de Mestre em Psicologia
Clínica.

Orientadora: Terezinha Feres-Carneiro

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, julho de 1997

UC-000 70756-9



135277

150.
5586pa
TESE de

Para Bebel, por aqueles cinco anos
e também pelos seguintes.

AGRADECIMENTOS

A Terezinha Féres-Carneiro, que me concedeu carinho, liberdade e autonomia, permanecendo assim como o porto sólido e alcançável com o qual pude sempre contar.

A Ana Maria Nicolaci-da-Costa, que me presenteou, por seus conhecimentos, com o carinho de uma ajuda inestimável.

Aos meus pais, Roberto e Theresa Veiga, e à minha avó Elvira, pela melhor assistência possível.

Aos meus pacientes, que se nutrem do meu trabalho, atribuindo-lhe sentido.

Aos entrevistados, pela disponibilidade e gentileza com que me acolheram, proporcionando-me a oportunidade de conhecer singularidades tão interessantes.

Ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio, mestres, colegas e funcionários. Um agradecimento especial a Susan Travis, por ter ido na frente, sempre abrindo portas para mim.

Ao órgão financiador desse trabalho: CAPES.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar o processo de separação conjugal, mostrando sua natureza social e relacionando os fatores psicológicos às condições sociais a eles associadas.

Ao formar um casal, os sujeitos reorganizam suas vidas em função do outro, adquirindo amigos, bens e memórias em comum, construindo um futuro conjunto. Redefinem a si mesmos como uma diáde, diante deles próprios e dos outros, os quais validam a identidade comum que eles criaram. Na separação, esse processo parece ser invertido. Os sujeitos lutam por uma identidade própria, que permita partir as alianças e romper os laços que tinham até então com o outro.

Realizou-se um estudo de campo baseado na revisão da literatura especializada. Foram entrevistados 16 sujeitos, 8 mulheres e 8 homens, separados, com filho(s) dessa união, perfil sócio-econômico e cultural da classe média carioca e idades entre 35 e 50 anos. A partir da fundamentação teórica e do discurso dos sujeitos entrevistados, foram propostas 9 categorias de análise. A avaliação do material obtido e as linhas gerais de cada vivência, quando comparadas às outras, mostraram uma seqüência natural de comportamento,

apontando para alguns padrões de transição encontrados nesse processo de separação conjugal. O aprofundamento da compreensão da dinâmica desse processo pode contribuir para a eficácia da prática clínica no atendimento a casais.

ABSTRACT

The purpose of the present study is to analyse the process of marital separation, showing its social nature and relating the psychological facts to the social conditions associated to them.

As two people become a couple, they reorganize their lives acquiring common friends, common properties and common memories; therefore building conjoint future. They redefine themselves as a dyad, having their common identity also validated by others. This process seems to be inverted in marital separation when the subjects struggle for their own individual identity which will allow them to break the alliances and sever the ties they had with each other.

A field study based on the review of the specialized literature was conducted. Sixteen middle class, separated subjects living in Rio de Janeiro were interviewed; eight women and eight men. All the subjects had at least one child. Their age range varied from 35 to 50 years. Based on the theoretical framework as well as the analysis of the subjects' discourse, nine categories were proposed. The final evaluation of the material and the general lines of each subject's experience, when compared to the others, showed a natural sequence of behaviors. This sequence points to some transitional patterns found in the process

of marital separation. A better understanding of the dynamics of this process may contribute to the efficacy of the marital therapy.

*Eu vou lhe deixar a medida do Bonfim, não me valeu...
Mas fico com o disco do Pixinguinha, sim ?
O resto é seu...
Trocando em miúdos, pode guardar
As sobras de tudo que chamam lar
As sombras de tudo que fomos nós
As marcas do amor nos nossos lençóis
As nossas melhores lembranças...
Aquela esperança de tudo se ajeitar,
pode esquecer...
Aquela aliança você pode empenhar
ou derreter...
Mas devo dizer que não vou lhe dar
O enorme prazer de me ver chorar
Nem vou lhe cobrar pelo seu estrago,
meu peito tão dilacerado...
Aliás, aceite uma ajuda do seu futuro amor pro aluguel
Devolva o Neruda que você me tomou e nunca leu...
Eu bato o portão sem fazer alarde
Eu levo a carteira de identidade
Uma saideira, muita saudade
E a leve impressão de que já vou tarde...*

(Francis Hime & Chico Buarque,
“Trocando em miúdos”, 1977)

SUMÁRIO

	pág.
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - O CASAMENTO	6
1.1 - O Casamento e a Família	6
1.2 - Idéias Sobre o Casamento: Da Antiguidade aos Dias de Hoje	12
1.3 - A Construção Social da Realidade	20
1.4 - O Casamento e a Construção da Realidade	23
CAPÍTULO 2 - A SEPARAÇÃO	30
2.1 - Pré-Separação	31
2.2 - A Separação Social	37
2.3 - A Infelicidade Secreta	41
2.4 - A Tentativa de Reconsideração	49
2.5 - A Participação dos Outros	53
CAPÍTULO 3 - ESTUDO DE CAMPO	58
3.1 - Sujeitos	58
3.2 - Instrumento	62
3.3 - Método	64

3.4 - Análise do Material Obtido	66
3.4.1 - Momento de Percepção da Necessidade de Separação	68
3.4.2 - Manifestações de Descontentamento	71
3.4.3 - Momento de Decisão da Separação	76
3.4.4 - Pós-Separação	79
3.4.5 - A Participação dos Outros	83
3.4.6 - Projeto	85
3.4.7 - Relacionamentos Amorosos Seguintes	88
3.4.8 - Recasamento	90
3.4.9 - Preconceito	92
CONCLUSÃO	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo de casais surgiu, primeiramente, a partir da minha prática clínica cotidiana com crianças e adolescentes. Comecei a observar que, durante as sessões, eles se referiam aos pais indistintamente, mostrando as contradições e indiferenciações do casal parental. E quando os pais eram solicitados a comparecerem às sessões, se apresentavam enquanto casal, expressando-se sempre através da relação e muitas vezes, nem conseguindo distinguir o que de cada um estava sendo colocado ali.

Esse sentimento de fusão, essa visão do casal como uma díade única e inigualável, que existe e funciona a partir da interação peculiar e exclusiva que surge entre os dois que a compõe, começou a despertar minha curiosidade.

Berger & Kellner (1964) definiram o casamento como sendo uma instrumentalidade produtora de nomos, para designar um arranjo social que cria para o indivíduo o tipo de ordem dentro do qual lhe é possível experimentar sua própria vida como dotada de sentido. A instituição casamento encontra-se numa posição central e decisiva, tendo o lado externo voltado para a sociedade que dita ou valida a nova ordem social.

Esses autores descreveram o casamento como um ato dramático no qual dois indivíduos, portadores de um passado individual diferente, renegociam o que eles são com respeito ao mundo e ao outro. A partir daí, o casamento passa a ser, para essas pessoas, a principal área de auto-realização social e base dos relacionamentos da esfera privada. Eles reorganizam suas vidas em função do outro. Adquirem amigos, bens e memórias em comum, construindo uma conjugalidade. Redefinem a si mesmos como uma díade, diante deles próprios e dos outros, os quais respondem à identidade comum que eles criaram. São rapidamente incorporados ao mundo social daqueles que vivem com parceiros. A identidade da díade que criaram é reafirmada constantemente, não apenas pelos atos e palavras dos outros, mas também pela forma como estes chegam a ver a relação como algo estabelecido. Essa confirmação pública contínua dá-lhes um lugar estável no mundo social e valida sua identidade.

O casamento é diferente de todas as outras relações. Os cônjuges tomam a decisão de viver juntos dali em diante, de se apoiarem reciprocamente no bem e no mal, na saúde e na doença (Willi, 1990). Problemas que inicialmente podem ser de um cônjuge, dependendo de como o outro o aborde e maneje, passarão a ser dos dois. Cada um vai aceitar ou não no outro algo que o incomoda e vai se

servir de recursos variáveis - eficientes ou não - para tentar corrigi-lo (Martuscello, 1992).

Eles organizam suas vidas em função do outro, construindo um pequeno mundo no qual irão viver e comprometendo-se numa história comum. Formam, na terminologia de Almeida Prado (1996), um sistema de vasos comunicantes, na terminologia de Anzieu (1974) uma "pele comum" e na terminologia de Vilhena (1988), um "nós" psíquico, onde se apóiam os ideais e projetos comuns.

Todas essas idéias chamaram-me a atenção, pois aparentemente ocorre o inverso desse processo na separação. Ao invés de fins abruptos, transições graduais. Muito antes da separação física, a separação social com o desenvolvimento de experiências, amigos e futuros próprios. Através dessa mesma prática clínica - atualmente não só com crianças e adolescentes, mas também com casais - passei a cuidar de pessoas que se separam, e assim mantêm um contato mais direto com a sua dor. Passei a dedicar-me a tentar criar condições, seja para a manutenção do casamento, seja para o seu desfazer, participando das angústias e expectativas ligadas a uma ameaça de separação.

Para poder se separar, duas pessoas devem desligar-se não apenas de seus bens, mas também de suas identidades. Sair de um casamento implica uma redefinição de si mesmo em pelo menos três níveis: o dos pensamentos privados

do indivíduo, o existente entre os dois cônjuges e o do contexto social mais amplo em que a relação ocorre. De acordo com que essas redefinições vão se tomando públicas - primeiro entre os dois cônjuges, depois para a família e os amigos próximos, e finalmente para colegas de trabalho, conhecidos e estranhos -, a resposta dos outros perpetua os caminhos separados que os cônjuges estão tomando. A separação parece estar terminada quando os cônjuges se definiram e são definidos pelos outros como separados e independentes entre si - quando ser um casal, um par, uma diade, não é a principal fonte de identidade.

Minha investigação, realizada com sujeitos que vivenciaram a separação conjugal, começa desde a primeira suspeita de infelicidade e vai até a conclusão do processo de separação. Os relacionamentos íntimos, cujas biografias e relatos constituem a substância dessa dissertação, estão localizados no capítulo 3, o estudo de campo, a fim de ilustrar cada categoria estudada. Embora o meu propósito tenha sido o de examinar as similaridades, assinalei as diferenças em cada categoria.

No estudo de campo, baseado na revisão da literatura especializada, entrevistei 16 sujeitos, 8 mulheres e 8 homens, separados, com filho(s), perfil

sócio-econômico e cultural da classe média carioca e idades entre 35 e 50 anos. A partir da fundamentação teórica, foram propostas 8 categorias de análise, além de uma outra que emergiu do discurso dos entrevistados. Através da análise dos dados, pude obter contribuições que considero relevantes acerca de como os sujeitos vivenciam e elaboram o processo de separação conjugal.

CAPÍTULO 1

O CASAMENTO

1.1 - O Casamento e a Família

Nos dias de hoje, cada vez é mais alarmante o número de casamentos que são dissolvidos. Por esse motivo talvez muitos pensem que a instituição casamento está mesmo acabada. Porém, não se conhece, na História da humanidade, uma forma mais aceita de união entre homem e mulher que a do casamento. Ele representa uma relação de forte significação na vida dos sujeitos, envolvendo alto grau de proximidade e intenso investimento afetivo. Essa proximidade foi favorecida pela nuclearização da família, limitação da convivência familiar a pais e filhos numa mesma casa e diminuição dos espaços disponíveis nas grandes cidades. A transformação de valores que colocou o casamento como uma escolha individual, responsável, baseada em laços de amor e visando a um projeto conjugal - seja o de construir um patrimônio e/ou constituir uma família -, fez com que aumentasse a intensidade do investimento afetivo. Ele foi menor em tempos anteriores, quando a decisão do casamento se dava por conveniência e a escolha era feita por parte dos pais dos noivos.

Historiadores como Ariès (1973,1982) e Flandrin (1982) fizeram incursões no campo da qualidade das relações existentes dentro da chamada família nuclear atual e a compararam com o que teriam sido as mesmas relações familiares no passado.

Ariès (1973) resgata as imagens da família, concluindo que o sentimento de família nasceu nos séculos XV e XVI, tendo o seu apogeu no século XVII. A vida privada surge junto com o moderno sentimento de família e de infância, que anteriormente não era sequer expressado.

Família e linhagem eram os dois grupamentos distintos, embora inter-relacionados, que constituíam os laços de sangue. A família era mais do que a atual família conjugal moderna, pois estendia-se aos vários membros que residiam juntos. A linhagem estendia-se a todos os descendentes de um mesmo ancestral.

A partir do século X, houve um fortalecimento da solidariedade da linhagem e da indivisão do patrimônio em consequência da dissolução do Estado. Devido a uma forte necessidade de proteção, os laços de sangue vão se estreitar e surge a indivisão dos bens dos dois cônjuges, administrada pelo marido. Anteriormente, cada cônjuge administrava seus bens hereditários separadamente, sem a interferência do outro.

No século XIII, vai haver um afrouxamento dos laços de família e a família conjugal torna-se mais independente. A capacidade da mulher entrava em declínio à medida que aumentava o poder paterno. Difundiu-se o direito da progeneritura, que substituiu a indivisão e protegia o patrimônio.

O início do desenvolvimento da família moderna se dá a partir do século XIV. No século XVI, vai haver o reforço do poder paterno e o enfraquecimento dos laços da linhagem. A família então se transforma na célula social, base dos Estados e fundamento do poder monárquico, sendo inclusive enaltecida pela religião, que teve forte influência nos próximos acontecimentos. Anteriormente, a Igreja da Idade Média consagrava apenas as uniões dos reis. A partir desse momento, a Igreja passa a enaltecer a união conjugal, valorizando-a espiritualmente e legitimando-a. Até então, o casamento não passava de um contrato leigo, tido como uma concessão à fraqueza da carne.

A medida que o casamento foi consagrado, o sentimento de família passa a ser cada vez mais incorporado. A criança passa a ser o personagem central familiar, associando-se à principal prece em comum da família, o "benedicite". O sentimento de infância reforça cada vez mais o sentimento de família e a criança passa a despertar grande emoção ao ser pensada enquanto imagem viva dos seus pais.

A escola não participava da aprendizagem direta de uma geração e outra. A aprendizagem das crianças era ministrada por famílias estranhas que recebiam essas crianças. Essa aprendizagem incluía não só conhecimentos teóricos, mas também aprendizagem de serviços domésticos em geral. Desse modo, a criança se afastava desde cedo da família, dificultando um sentimento profundo entre pais e filhos. Esse hábito era presente em todas as camadas da sociedade.

A escola só vai assumir o lugar de transmissão de ensinamentos a partir do século XV, marcando uma aproximação entre a família e as crianças, embora houvesse também o costume de enviá-las a pensionatos, próximos às escolas. Havia também a figura do preceptor que era um mestre que servia de ligação entre a criança e seus pais. Essa escolarização atingiu inicialmente a camada média da hierarquia social.

O respeito pela igualdade entre os filhos de uma família, acabando o direito da progeneritura, se deu no final do século XVIII e início do seguinte. Foi dado um passo em direção à família sentimental moderna. O afeto dos pais a seus filhos estendeu-se a toda a realidade familiar.

Houve também progressos da vida privada e da intimidade doméstica. Esse sentimento de família se aperfeiçoou com o fechamento da família ao exterior, criando espaço para o segredo e voltando as crianças para seu convívio. Até o

século XVII, o tipo de sociabilidade dominante dificultava as conquistas da intimidade. A sociabilidade daquela época incluía convenções sociais e entretenimentos - todos coletivos. Não havia distinção entre vida social e vida privada. O fundamental era manter as relações sociais com o grupo em que se havia nascido e elevar a própria posição através do uso dessa rede de relações. Ter sucesso na vida significava obter uma posição mais honrosa numa sociedade em que todas as pessoas se viam, se ouviam e se encontravam quase todos os dias (ruas, praças, passeios, cafés, grandes casas).

As casas grandes eram sempre muito povoadas, desempenhando uma tarefa pública, reunindo parentes, amigos e clientes. Havia pouca demarcação dos territórios internos e até mesmo certa promiscuidade, já que várias comunicações ligavam os cômodos onde dormiam vários casais, crianças e empregados. O sentimento moderno da família, apesar das dificuldades oriundas da falta de intimidade, já se iniciava.

No século XVIII, a família se afastou mais ainda da sociedade, estabelecendo um caráter mais particular, manifestado através da organização da casa, que passa a ter cômodos independentes e mais especializados (Habermas, 1971). O respeito à intimidade alheia surge, assim como a discriminação e o isolamento. A família moderna se distancia do mundo e se restringe ao grupo

nuclear de pais e filhos. A promoção dos cuidados e o desenvolvimento dos filhos são ministrados pelos pais. O sentimento da casa se conjuga ao sentimento de família, que passa a ser o refúgio e o *locus* da afetividade.

Ariès (1973) observa que esse caminho em direção a uma vida mais intimista representou um triunfo do individualismo sobre as obrigações sociais. Porém, questiona-se sobre que tipo de individualismo é esse que canaliza toda a energia do casal para servir aos interesses de uma posterioridade reduzida. O triunfo foi da família.

O autor ainda aponta que, juntamente com a Revolução Industrial, houve uma revolução da afetividade, que passa a concentrar-se no interior da família. O operário dividirá sua vida em dois pólos: o trabalho e a família, distinguindo-se assim os domínios do público e do privado.

No século XIX, a família já se apresentava enquanto domínio privado. Enquanto as mulheres se limitavam à casa, os homens usufruíam da sociabilidade da cidade e dos cafés. Com a expansão das cidades, esses cafés passaram a ser o local de encontros sociais.

Porém, no século XX, o inchamento das cidades faz com que estas percam sua função socializante. O surgimento de aglomerações e a segregação de

funções entre bairros residenciais e de trabalho fizeram com que desaparecesse a vida coletiva, que era caracterizada anteriormente pela vida urbana. Vai haver um retorno do homem à sua casa, isolando-se em sua intimidade e partilhando-a eventualmente com estreito círculo de amigos.

A família passa a monopolizar a afetividade e, segundo Russo e Santos (1981), a assumir funções de manutenção e confirmação da identidade do sujeito, à medida que se tem uma intensificação do investimento emocional na família e no casamento e uma diminuição da sociabilidade, visto que a rede social urbana é bastante limitada em termos de relacionamentos significativos.

1.2 - Idéias Sobre o Casamento: Da Antiguidade aos Dias de Hoje

Com o reverenciamento feito ao amor na constituição da família moderna, de modo mais generalizado desde o século XVIII, na Europa, o casamento por amor passa a ser uma possibilidade, ainda que em nível de discurso. Muszkat (1992), em artigo recente, mostra que, nos dias de hoje, o "casamento de amor" compreende um tipo de prática moderna que se caracteriza por uma demanda romântica de satisfação, não apenas do corpo, mas também do "coração" e do "espírito". Segundo a autora, no contexto amoroso atual, o prazer sexual que

satisfaz o corpo é apenas um dos requisitos do amor conjugal. Conta-se ainda com a ternura, a afeição e o carinho como realidades sentimentais que satisfazem as necessidades do "coração" e com a comunhão do pensamento e das idéias para satisfazer as necessidades do "espírito". Porém, nem sempre os casamentos se realizaram com essas demandas.

A idéia de casamento sofreu modificações ao longo da história. Flandrin (1982), pesquisando sobre a sexualidade dos casados na antiguidade, postula sobre a grande desconfiança que a moral cristã apresentava em relação aos prazeres carnis, que significavam a prisão do espírito no corpo, obstáculo à adoração divina. A união sexual tinha fins únicos de procriação. O casamento, considerado em si inferior ao celibato, era uma concessão, uma consolação dada ao homem por Deus. A busca do prazer era tida como pecaminosa. Os casamentos eram negociados pelas famílias e os cônjuges não tinham direito de escolha. O objetivo principal do casamento era o de formar alianças entre as famílias e produzir herdeiros.

Entre os séculos IX e XI, havia dois modelos de casamento: o leigo e o da Igreja. O casamento era um ato privado, ocorria em casa, com o testemunho e consentimento da comunidade. Não era universal, não era indicado para todos, havendo uma reserva de filhos solteiros, que também se relacionava com uma

reserva de patrimônio. O casamento só vai receber o estatuto de sacramento no século XII, reforçando seu caráter único e indissolúvel, assim como a união eterna entre Cristo e sua Igreja. O consentimento dos futuros esposos tinha um papel importante no modelo de casamento proposto pela Igreja, o que não acontecia no modelo leigo. O vínculo matrimonial considerado legítimo era aquele estabelecido entre pessoas livres e iguais em suas decisões.

Mais tarde, a Igreja se concentrou sobre a passagem do caráter privado ao público da cerimônia de casamento. Inicialmente, esta passa a ocorrer em frente à Igreja e somente no século XVII entra na Igreja, que passa agora a responsabilizar-se pela instituição do casamento, estudando os obstáculos para sua efetivação. A cerimônia na Igreja vai implicar a publicidade do casamento e seu registro por escrito. O ato de casar-se passou a ser legitimado por esse momento. Posteriormente, o Estado assumirá tais obrigações.

A partir dos séculos XVI e XVII, a busca pelo prazer é condenada somente se desvinculada da finalidade de procriar. Havia a dívida conjugal, que deveria ser cumprida tanto pelas mulheres quanto pelos maridos. O casal não se aproximava de modo espontâneo, simultâneo. A busca era masculina, enquanto a esposa devia se expressar somente fisionomicamente.

A atividade sexual conjugada era bastante controlada através da continência que se estendia aos dias de festa, de jejum, dias santos, impureza (menstruação), período de gravidez e pós-parto, etc... Certas posições que a moralidade vigente atribuía aos animais eram proibidas. O amor conjugal era também condenado, visto como obstáculo à adoração a Deus. A vida sexual conjugal sofreu grande doutrinação cristã até meados do século XVII.

O casamento era um negócio de família, necessitando de regras para manter-se estável e não se baseando no relacionamento amoroso. De acordo com Souza (1992), a elevação do sentimento amoroso à categoria de pré-requisito e critério do sucesso do casamento é um acontecimento recente na nossa civilização. Sua função principal era ligar duas famílias para perpetuar a linhagem, constituindo assim uma descendência, ou então aumentar o poder político e o prestígio social, com a união dos dois patrimônios. Não era exigido dos cônjuges nada além do que mútua compreensão e estima, sendo o amor-paixão essencialmente extra conjugal. Segundo Ariès (1982), havia específicas diferenças entre o amor dentro e fora do casamento. Dentro do casamento, valorizavam-se o pudor, a reserva, o formalismo e o automatismo no ato sexual. O desejo sexual deveria ser prontamente apagado, evitando sua perduração. Jogos violentos da paixão e do erotismo deveriam ser também excluídos.

No século XVIII, a sociedade começou a aproximar as duas formas de amor consideradas anteriormente incompatíveis, incentivando que o amor conjugal se desenvolvesse após o casamento. Os cônjuges passam a escolher-se em função dos sentimentos que nutrem um pelo outro, e a cerimônia de casamento passa a ter o objetivo de sacramentar essa união, tornando-a legítima. O erotismo começa a fazer parte do casamento. Shorter (1977) assinala que o amor romântico aparece, de início, entre as classes economicamente baixas, já que o casamento contratual com o objetivo de incorporação ou manutenção dos bens não existia.

O amor cortês exaltava o amor infeliz, o amor à margem do casamento, o amor impossível de se realizar, o amor adúltero, já que o casamento significava somente união política e econômica dos corpos. A generalização do amor como precondição no casamento vai propor então o amor feliz, oficial, não mais marginal (D'Incao, 1992).

No Brasil, em meados do século XIX, identificando-se com a família conjugal nuclear urbana, surge nas classes média-alta e média da população o casamento burguês. Seu advento está ligado ao processo de industrialização e higienização (Freire Costa, 1989). Ainda segundo Freire Costa, a política higiênica da sociedade burguesa contribui para a valorização cada vez maior do

espaço privado familiar, concentrando expectativas no casal parental, interditando o sexo fora do relacionamento conjugal e propagando-se que o exercício sexual conjugal é uma norma de saúde.

A finalidade do casamento passa a não ser mais a manutenção de propriedades, bens ou alianças políticas, e sim um vínculo de amor e felicidade, a satisfação de impulsos afetivos e sexuais. Esse tipo de casamento burguês privilegia a escolha do parceiro por amor, a glorificação do amor materno, a privacidade, a intimidade, o conforto da família, a respeitabilidade e a permanência no casamento. Ele é indissolúvel e legitimado pelos laços civil e religioso, sendo a celebração solene e pública. Essa forma de casamento mantém-se na primeira metade do século XX, sofrendo modificações nos anos 60.

A partir de transformações sociais ocorridas nas décadas de 60 e 70, essa concepção de casamento e os valores relativos à sua estruturação e funcionamento passam a ser questionados, provocando alterações nas atitudes e comportamentos dos indivíduos. Os padrões tradicionais passam a abrir fendas, fazendo surgir uma "modernização" no conjunto de valores desses segmentos: a inserção maciça da mulher no mercado de trabalho; os avanços da medicina, permitindo um controle efetivo da função reprodutora (a pílula anticoncepcional); a escolaridade feminina crescente, ampliando seu nível de compreensão;

mudanças jurídicas, garantindo direitos à mulher; a institucionalização do divórcio; a rapidez da transmissão de acontecimentos, através dos meios de comunicação de massa, propiciando uma constante exposição a experiências diversificadas; à propagação de idéias feministas, entre outras.

Essa concepção de casamento passa por uma crise, com alguns de seus valores predominantes em xeque e outros sofrendo profundas modificações.

"O lar moderno deixou de cumprir suas antigas funções. Em vez de propiciar carinho e proteção, estaria fomentando a guerra entre sexos e gerações."

(Freire Costa, 1989, p.11)

A partir dos anos 70, outro fator que acelerou essa "modernização" foi a difusão das noções de psicologia (principalmente de psicanálise, sempre hegemônica). Figueira (1981, 1985, 1987) explorou à exaustão a difusão da psicanálise no Brasil, mostrando seus efeitos nos diversos segmentos da sociedade. Entre as mulheres, o "boom" psicanalítico passou a exercer forte influência, pela possibilidade de uma liberação das opressões externas, através da concepção de seres humanos determinados por instâncias inconscientes, as quais, ao aparecerem, abririam espaço à liberdade e a formas de vida mais "felizes".

Não só a psicanálise passa a ser muito procurada pelas mulheres, como também fragmentos do discurso analítico tornam-se apropriados e utilizados no cotidiano. Segundo Negreiros (1988), o desejo sexual da mulher e seu direito ao prazer saíram da clandestinidade, sob o aval de uma ciência, para universidades, escolas, locais de trabalho, bares, jornais e televisão.

Nesse panorama, representações "tradicionais" passaram a conviver com representações "modernas", formando modelos que coexistem simultaneamente, ora competindo entre si. No modelo "tradicional", as identidades masculina e feminina configuram-se demarcadas com precisão, ou seja, o que cabe a um exclui o outro, seja em comportamentos, interesses ou sentimentos. O casamento é indissolúvel, monogâmico e com fins de reprodução. Duas formas distintas de responsabilidade moral convivem juntas: a feminina, marcada na sexualidade e na maternidade, através da fidelidade conjugal, virgindade e dedicação aos filhos; a masculina, marcada na relação com o trabalho e na virilidade, através da manutenção econômica e proteção. Já no modelo "novo", os limites de identidade dos dois sexos são permeáveis, com diversas possibilidades de representação, tais como "mãe solteira", "casal grávido", "homem dono-de-casa", "pai descasado", "mulher chefe-de-família", etc... A sexualidade é desvinculada da reprodução, o homem colabora na criação dos filhos e a mulher auxilia a

economia da família e participa do lazer e das obrigações. Ou seja, os privilégios e responsabilidades são compartilhados.

Surgem assim novas formas de conjugalidade, como o recasamento, o casamento em casas separadas, a coabitação, o "casamento aberto", o casamento sem vínculos legais, além de uma pluralidade de opções conjugais, cada uma delas dando origem a uma concepção de casamento. A "tradicional" continua a ser uma forte referência, mas não a única.

1.3 - A Construção Social da Realidade

Berger e Luckmann (1966) assinalaram que o homem vive numa realidade socialmente construída e que essa construção social é interiorizada para promover a sua sobrevivência mesmo sem o mais adequado preparo biológico. A socialização é um processo ontogenético através do qual o mundo social passa a ser assimilado. Esses autores estabelecem também uma distinção entre dois processos de socialização: primária e secundária.

Segundo esses autores, o processo de socialização primária é aquele ao qual o sujeito é submetido na infância, se tornando um membro da sociedade. Os autores postulam ainda algumas características deste nível de socialização:

1) é inevitável e inescapável, na medida em que o sujeito não escolhe os responsáveis por seu processo de socialização, através da ligação com os "outros significativos" (pais, avós, parentes próximos, babás).

2) é irrelativizável, pois os diversos aspectos da realidade objetiva e subjetiva são "filtrados" pelos agentes socializadores que fornecem ao socializado uma versão integrada e coerente com o seu sistema simbólico.

3) ocorre num contexto de fortes laços afetivos, na medida em que a internalização, pelo socializado, do sistema simbólico de seus agentes socializadores só se dá quando o socializado (a criança) se identifica com os seus "outros significativos".

Os autores argumentam ainda que o mundo internalizado durante a socialização primária é muito mais persistente e resistente à erradicação do que os mundos internalizados em socializações posteriores (Nicolaci-da-Costa, 1987).

O processo de socialização secundária se relaciona com a interiorização do mundo institucional, aquisição de conhecimentos, funções e papéis específicos, e, como o próprio nome estabelece, é posterior ao processo de socialização primária no tempo e em grau de significação para o sujeito, não pressupondo altos graus de identificação com os agentes socializadores, sendo a realidade internalizada

através dos mesmos menos resistente à erradicação. O processo de socialização secundária terá como esteio o processo de socialização primária. Quando ocorre incoerência - à qual Nicolaci-da-Costa se refere como *descontinuidade* - entre uma e outra, o sujeito se vê em conflito.

Nicolaci-da-Costa (1987) submete esses dois conceitos a uma reinterpretação, expandindo alguns pontos e redefinindo outros.

Segundo a autora, durante o processo de socialização primária, o sujeito internaliza uma certa inserção no social, apreendendo como o social é estruturado, como os adultos que o rodeiam se inserem nessa estrutura e como a reproduzem. O sujeito internaliza uma versão de identidades e papéis sexuais, da constituição familiar, do casamento, da possibilidade ou impossibilidade do descasamento, etc... Com esta leitura inicial, que possibilita ao sujeito uma apreensão de sua sociedade, ele se torna um membro da mesma.

Nicolaci-da-Costa, porém, aponta que essa realidade internalizada durante a socialização primária define não somente a inserção social do sujeito no *presente* como também no *futuro*. Seu argumento - do qual eu compartilho - é que, ao fornecer um roteiro para uma primeira inserção no social, este sistema simbólico também gera, no socializado, expectativas ou representações de sua futura inserção na sociedade (marido ou mulher, profissional ou dona-de-casa, pai

ou mãe). A realidade internalizada durante o processo de socialização primária fornece ao socializado definições dos papéis sociais que pode assumir tanto na infância quanto na vida adulta.

Nicolaci-da-Costa mostra ainda que Berger e Luckmann não fazem distinções entre diferentes processos de socialização secundária, e exemplifica com os momentos em que o sujeito passa a se relacionar *institucionalmente* com um outro que está em posição de complementariedade em relação a si - por exemplo, na relação conjugal, que é o meu interesse nesta dissertação -, a partir de posições nas quais anteriormente viu seus agentes socializadores estarem. A relação conjugal é parte integrante no processo de socialização secundária e essa vivência validará ou desqualificará as anteriores.

Com as mudanças sofridas pela instituição casamento, os cônjuges ganham importância maior nesse processo de validação de valores e identificação de personalidades.

1.4 - O Casamento e a Construção da Realidade

Desde Durkheim, é lugar comum na sociologia da família dizer que o casamento serve como proteção contra a anomia do indivíduo. O casamento

produz um novo **nomos**. Segundo Berger & Kellner (1964), o casamento é visto como um arranjo social, que cria para o indivíduo um conjunto de ordens e regras, no qual ele pode experienciar sua vida como dotada de sentido. A intenção dos autores não é a discussão sob uma perspectiva macrosocial, lidando com o casamento enquanto instituição social, e sim numa perspectiva microsocia, lidando com o processo social que constrói, mantém e modifica a realidade dos indivíduos.

Segundo os autores, esse processo necessita de validação, e esta vai requerer uma contínua interação com os outros que coabitam no mesmo mundo socialmente construído. Cada indivíduo requer uma contínua validação de seu mundo, incluindo a validação de sua identidade e de seu lugar no universo, por aqueles que são seus significantes.

Partindo dessa premissa, Berger & Kellner (1964) definem o casamento como:

“um ato dramático no qual dois estranhos, portadores de um passado individual diferente, se encontram e se redefinem eles próprios. O drama do ato é internamente antecipado e socialmente legitimado muito antes de ele acontecer na biografia dos indivíduos e ampliado por uma ideologia em que alguns temas dominantes - amor romântico, satisfação sexual, auto-descobrimto e auto-realização através de amor e sexualidade - podem ser distribuídos através de todos os estratos da nossa sociedade”.

(Berger, P. & Kellner, H., p.5)¹

¹ Tradução do autor

A realização dessas predefinidas expectativas na vida dos indivíduos ocorre para o acompanhamento de um dos poucos e tradicionais ritos de passagem que ainda são significativos para quase todos os membros da sociedade. Com a redefinição da situação trazida pelo casamento, toda a significativa conversação dos dois cônjuges é agora centrada na relação com o outro. O casamento passa a ser, para estas pessoas, a principal área de auto-realização social e base dos relacionamentos da esfera privada.

Segundo Willi (1990), o casamento é diferente de todas as outras relações. Os cônjuges tomam a decisão de viver juntos dali em diante, de se apoiarem reciprocamente no bem e no mal, na saúde e na doença. Essa decisão muda radicalmente a relação entre os parceiros.

"Quando duas pessoas decidem que daí em diante vão viver juntas, cada qual deve se modificar internamente e se organizar. Esta é a condição para poderem orientar suas forças de modo a alcançar da melhor forma e o mais economicamente possível seus objetivos."

(Willi, 1990, p.39)

Eles organizam suas vidas em função do outro, embarcando na difícil tarefa de construção, para eles mesmos, de um pequeno mundo no qual irão

viver. Eles se comprometem numa história comum, em que cada um é realmente afetado pelo comportamento do outro e cada ação deve ser projetada em conjunção com as ações do outro. Eles formam um verdadeiro sistema de vasos comunicantes, em que qualquer modificação em um deles reflete sobre o outro (Almeida Prado, 1996). Cada definição do cônjuge sobre a realidade deve ser continuamente correlacionada com as definições do outro, que passa a ser presente em praticamente todos os horizontes da conduta cotidiana.

Segundo Martuscello (1992), problemas que a princípio podem ser apenas de um cônjuge, dependendo de como o outro os aborde e os maneje, passarão a ser dos dois. Cada um vai aceitar ou não no outro algo que o incomoda e vai se servir de recursos variáveis - eficientes ou ineficientes - para tentar corrigi-lo. Cada um vai ter no outro uma pessoa única, formando um par também único, nunca igual ao que seria formado se apenas um dos componentes do par fosse mudado.

"Cada par estabelece, portanto, um padrão próprio de comportamento e relacionamento afetivo, que engloba desde as características individuais de seus componentes, suas facilidades e dificuldades para a relação, até os modelos ou esteriótipos comunicacionais que eles, juntos, estabelecerão entre si. E que ficarão sendo a 'marca registrada' do casal."

(Martuscello, 1992, p.67)

Com a decisão de compartilhar a vida com o outro e formar uma família, os cônjuges iniciam a construção de um mundo em comum. Os contatos com a família de origem se intensificam. Adquirem amigos, bens e memórias em comum, formando um futuro comum, construindo uma conjugalidade, uma identidade comum ao casal, uma "pele comum", na terminologia de Anzieu (1974), que os faz perceber como uma unidade - um "nós" onde se apóiam os ideais e projetos comuns (Vilhena, 1988).

"Assim, se constitui um nós psíquico, da mesma forma que esta parceria vai se perpetuando, configurando um sentimento de igualdade na identidade do casal."

(Vilhena, 1988, p.7)

Essa conjugalidade se refere, então, à vivência conjugal, que pressupõe certa continuidade na relação amorosa. É uma vivência que implica projetos compartilhados e a construção de uma conjugalidade, em que duas das dimensões mais importantes são a aliança e a sexualidade (Féres-Carneiro, 1987). Neste artigo, sobre as diferenças quanto à manifestação dessas duas dimensões em casais de primeiro casamento e em casais recasados, a autora ressalta que, no primeiro casamento a aliança assume um papel mais significativo do que a sexualidade, enquanto esta é mais relevante para os recasados. O relacionamento com a família de origem é freqüente, mais forte e mais valorizado no primeiro

casamento. E o relacionamento com os diferentes grupos de amigos é mais presente e valorizado no primeiro casamento, enquanto os recasados possuem mais amigos individuais e dão valor ao fato de que os membros do casal possam sair às vezes separadamente.

Os cônjuges redefinem a si mesmos como uma díade, diante deles próprios e dos outros, os quais respondem à identidade social comum que eles criaram. Berger & Kellner (1964) mostram que eles passam a ser convidados para os eventos enquanto casal, e o correio passa a ser endereçado a ambos. São rapidamente incorporados ao mundo social daqueles que vivem com parceiros, fortalecendo suas novas definições de si mesmos e do mundo, evitando aqueles que enfraquecem essa definição.

A reconstrução do mundo no casamento ocorre principalmente no curso da conversação. O instrumento nômico do casamento é concretizado, da cama para a mesa, os cônjuges conduzindo a conversação que alimenta praticamente a experiência conjunta. As objetivações internalizadas pelos parceiros tornam-se mais reais, elas são confirmadas e reconfirmadas nas conversas maritais. O mundo que é construído com essas objetivações é o mesmo que ganha estabilidade.

Tendo agora estabilizado sua imagem, o indivíduo casado terá de projetar o futuro de acordo com a identidade do casal, que é reafirmada constantemente, não apenas pelos atos e palavras dos outros, mas também pela forma como estes chegam a ver a relação como algo estabelecido. Filhos, amigos, parentes, todos têm a sua própria participação, reforçando a estrutura dessa nova realidade. Os filhos são os mais importantes, sendo sua existência uma consequência do mundo marital. Essa confirmação pública contínua dá-lhes um lugar estável no mundo social e valida sua identidade. Completando essa idéia, Russo e Coelho dos Santos (1981) afirmam que essa validação requer uma interação com os outros que ocupam o mesmo espaço social, ou que coabitam o mesmo mundo. Essa validação, ou seja, a plausibilidade e a estabilidade do mundo tal como foi socialmente definido, está relacionada com a força e com a continuidade das relações significativas. Assim, conclui-se que o casamento em nossa sociedade possui um lugar privilegiado entre as relações significantes, devido a frequência e a intensidade da convivência conjugal.

CAPÍTULO 2

A SEPARAÇÃO

Os cônjuges pensam em separação por muitos motivos. Podem estar ansiosos para sair de um relacionamento que se tornou tenso, aviltante ou intolerável. Pelo menos, um dos dois pode pensar que qualquer opção seria preferível a sentir-se vinculado num casamento criado pela lei, ou por necessidade econômica, ou por culpa, ou por compaixão, ou pelos filhos, ou por tantos outros motivos que mantêm os cônjuges em seus casamentos.

Bohannon (1970) descreve o processo de separação conjugal, subdividindo-o em seis "estações" ou etapas: separação emocional, separação legal, separação econômica, custódia dos filhos, separação da comunidade e problemas de solidão e, finalmente, separação psíquica.

Kaslow e Schwartz (1987), a partir da classificação anterior, descrevem o que ocorre em cada uma dessas etapas no que diz respeito aos sentimentos, ao comportamento dos cônjuges traduzido por ações e os tipos de terapia indicados para cada uma dessas "estações". As autoras definem o período pré-separação como a fase caracterizada pela separação emocional e no período pós-separação

situam a fase de separação psíquica, sendo a separação legal e suas consequências a divisão entre essas duas fases.

2.1 - Pré-Separação

Num primeiro momento, ora classificado como "separação emocional", na terminologia de Bohannon (1970), ora classificado como "pré-separação", na terminologia de Kaslow e Schwartz (1987), a procura por outros interesses pode ser exatamente aquilo que permite ao parceiro permanecer em um relacionamento problemático. Ele vai suplementar a relação, incorporando as atividades ao estilo de vida presente. Assim, consolado por ter as necessidades satisfeitas em outro lugar, o parceiro é levado para uma existência mais estável com seu cônjuge, mantendo a relação.

Porém, a procura de novos interesses pode realmente contribuir para o fim do relacionamento. O parceiro começa a criar um mundo social do qual seu cônjuge está excluído. Algumas vezes a própria atividade incorporada impede a participação do cônjuge. Assim, além de não compartilhar com o outro, não contar as novidades sobre a atividade em casa ou não incluí-lo em sua vida social, o parceiro coloca entre parênteses essa parte de sua vida, excluindo assim

seu cônjuge. O parceiro, por sua vez, pode calar-se sobre a atividade ou, então, discuti-la de forma a manter ou criar obstáculos à participação do cônjuge (Vaughan, 1986).

O parceiro pode escolher alguma alternativa desvalorizada socialmente, o que exige um segredo ainda maior. Pode se voltar para outros à procura de sexo, criando inúmeros segredos não partilháveis. Ter amantes pode ser uma alternativa satisfatória e, a partir dela, alguns parceiros podem obter alguma auto-afirmação sem se comprometer ou sem desenvolver uma ligação íntima com a outra pessoa. Eles podem permanecer no relacionamento, mais ou menos satisfeitos com as múltiplas alternativas que encontraram. Porém, muitas vezes o campo se estreita na medida em que o parceiro se defronta com um novo relacionamento íntimo que se torna sério, precipitando uma transição para sair do relacionamento antigo.

Segundo Simmel (1902-3, citado por Wolff, 1964) e Goffman (1959), o segredo cria a possibilidade de um nicho privado que protege pensamentos e identidades recentemente adquiridos. Através de um controle efetivo da informação, o parceiro pode criar um mundo separado que o cônjuge nem desconfia que exista (Simmel, 1902-3, citado por Wolff, 1964). A criação desse mundo à parte da outra pessoa é reforçada quando a informação não

compartilhada é revelada em outro lugar, criando ou reforçando laços, enquanto enfraquece o vínculo entre os parceiros.

Duck (1982) assinala que o término de um relacionamento é acompanhado por uma crescente perda de conversas íntimas. Por isso, a separação produz uma necessidade de desenvolver novas linhas de comunicação. O processo pode ocorrer nas duas vias: o encontro de novas linhas de comunicação diminui a necessidade de se ficar no relacionamento para se ter conversas íntimas, e o decréscimo de comunicação na relação aumenta a necessidade de procurar conversas desse tipo em outro lugar.

O parceiro começa a criar um ambiente social distinto daquele vivenciado com seu cônjuge, e as consequências sociais são significativas, pois muitas vezes a resposta do cônjuge tende a cindir o casal. Ao começar uma vida independente de seu cônjuge, o parceiro deu os primeiros passos para uma transição que o leva a sair do casamento, começando assim a criar uma identidade independente daquela de casal criada com a outra pessoa. Com o passar do tempo, o parceiro reage de outras maneiras que separam ainda mais o casal. Não mais se esforçando para modificar o cônjuge e a relação para certos caminhos desejados, o parceiro começa a ver a relação como sem futuro, enfatizando mais os defeitos e minimizando os aspectos positivos.

Essa acentuação dos aspectos negativos é o inverso do processo que nos dirige desde o início para o outro. Ao nos apaixonarmos, tiramos o que há de bom do conhecimento inicial que temos sobre a outra pessoa, concentrando-nos sobre as características positivas. Quando o relacionamento se torna problemático, mudamos nosso enfoque, desta vez para os aspectos negativos. Redefinimos nossos parceiros e nos relacionamos com eles através desses pontos que criticamos, e ainda, reconstruímos a história do relacionamento, com bastante habilidade para alterar a história passada. À medida que nossas vidas mudam de direção, tentamos ser consistentes ao darmos maior importância a alguns fatos ou acontecimentos que antes pareciam menores. Segundo Berger e Luckmann (1966), passamos o tempo todo interpretando e reinterpretando, procurando sempre colocar o passado em consonância com o presente.

No casamento, cria-se um ambiente íntimo com a outra pessoa que amamos e em quem confiamos, no qual nos sentimos seguros com ela. Porém, esse mesmo ambiente íntimo pode se tornar o lugar em que não temos nenhuma segurança, o lugar mais vulnerável de todos, já que, amando e confiando, deixamos que a outra pessoa veja nossas falhas, aquilo que o resto do mundo não sabe. Segundo Simmel (1902-3, citado por Wolff, 1964), esse conhecimento do outro que acompanha a intimidade pode, a qualquer momento, transformar aquele

porto seguro em um lugar perigoso, onde cada um possui informações que podem ser usadas contra o outro.

Segundo Berger & Kellner (1964), quando formamos um casal, o ato de nos comprometermos a viver com outra pessoa restringe as escolhas que poderíamos fazer. O ato da escolha modela as seguintes, limitando e estreitando as possibilidades futuras de cada parceiro. Na separação, ocorre o inverso. As escolhas feitas são aquelas que potencialmente ampliam o campo das escolhas possíveis para o futuro. A possibilidade de alternativas reduz a predisposição para salvar o relacionamento.

À medida que se intensifica o descontentamento do parceiro, ele começa a mostrar sua insatisfação para si mesmo e para os outros. Primeiro, através de palavras e atitudes, as ações visam renegociar o relacionamento, a fim de que ele possa continuar. Depois, começam as queixas para convencer de que a relação não apenas está em crise, mas que talvez não tenha mais salvação. O parceiro pode se tornar mais direto ou mesmo parar de se queixar e continuar a expressar a infelicidade de outros modos, como passando mais tempo longe do outro ou descobrindo meios de manter uma certa distância, quando não estão juntos.

Ainda segundo Berger & Kellner (1964), o parceiro também começa a mostrar descontentamento para com outras pessoas. Começa a transmitir a

mensagem, para pessoas escolhidas, de que nem tudo está bem. Na ausência do parceiro - e, muitas vezes, na sua presença - ele demonstra publicamente sua infelicidade.

Na presença dos outros, o parceiro pode reagir ao seu cônjuge de forma a refletir desinteresse ou falta de respeito. Algumas estratégias são tão sutis que ele nem pode ser acusado de fazer algo inaceitável (Goffman, 1959). Ao mostrar descontentamento com seu cônjuge, o parceiro também está transmitindo uma mensagem para os outros à sua volta e, às vezes, até mesmo uma informação importante sobre o cônjuge e o relacionamento (Goffman, 1967).

O parceiro também mostra descontentamento em conversas com confidentes. Isto consiste em revelações sobre o cônjuge e o relacionamento, que agora estão sendo compartilhadas com outra pessoa, na medida em que o parceiro elabora dúvidas e frustrações em voz alta (Berger & Kellner, 1964).

É de vital importância quem os parceiros escolhem para ser receptores desses sentimentos. Os que pensam em terminar seu casamento procurarão pessoas que os ouvirão sem condená-los. Algumas pessoas são eliminadas automaticamente porque os parceiros podem antecipar uma resposta desfavorável. Outras pessoas escolhem alguém cujo casamento também esteja em crise, descobrindo pontos em comum em seus relacionamentos.

Alguns procuram ajuda profissional, chegando atormentados pela indecisão, uma vez que sua infelicidade no casamento é contrabalançada por dúvidas e culpa. Outros procuram ajuda profissional não por causa do casamento, mas devido a um problema com os filhos. Nas sessões terapêuticas, muitas vezes eles conseguem ver que o comportamento do filho nada mais é do que uma consequência do problema do casamento (Féres-Carneiro, 1980).

2.2 - A Separação Social

Ao mostrar descontentamento, o parceiro começa a se distanciar publicamente do cônjuge. Segundo Berger & Kellner (1964), quando formamos um casal, agimos de uma maneira que nos liga publicamente à outra pessoa. Mostramos essa aliança através de gestos de atenção e amor. Porém, quando nos separamos, tendemos a mostrar, ao invés, nossa desatenção e desamor. O parceiro afasta-se publicamente de seu cônjuge não apenas através do conteúdo dos segredos revelados, mas pelo próprio fato de o parceiro revelá-los. Segundo Goffman (1959), a maioria dos casais colabora para apresentar uma imagem pública harmônica, mantendo normas de privacidade sobre o funcionamento interno do relacionamento. Ao mostrar o desacordo para audiências escolhidas, o parceiro aponta para um desgaste do compromisso moral que ele tem com o

relacionamento. Uma rejeição ao acordo é uma forma de separar-se do cônjuge sem separar-se fisicamente. Assim, o parceiro promove uma separação pública, que ocorre diante das pessoas que ele escolheu, antes que a separação física realmente aconteça.

Ao se mostrar infeliz, o parceiro altera as definições que as outras pessoas têm sobre o cônjuge. Assim, essas pessoas alteram não só a forma como definem o parceiro em relação ao cônjuge e à relação, como também respondem de acordo com as definições alteradas. Alguns responderão às manifestações de descontentamento aproximando-se e oferecendo apoio e solidariedade. Ao trocar segredos com confidentes, o parceiro reforça relacionamentos e cria novos (Simmel, 1902-3, citado por Wolff, 1964). A troca de segredos também pode extinguir laços já existentes. Outros podem se afastar. Enquanto o cônjuge que é alvo de descrédito pode cair em desgraça para aqueles que testemunharam as manifestações, ele não é o único, pois, ao desacreditar publicamente o seu cônjuge, o parceiro se arrisca a desacreditar-se a si mesmo (Goffman, 1967).

As revelações públicas do parceiro resultam no prosseguimento das conversas que validam a visão de mundo que ele está criando, não apenas em relação à imagem do cônjuge, como também em relação àquela que ele tem do

cônjuge e do relacionamento (Berger & Kellner, 1964). Assim, os defeitos do cônjuge e da relação assumem uma dimensão que não existia antes.

A separação é uma transição para uma vida diferente. Os parceiros armazenam informações, comparam-nas e aplicam-nas à sua própria situação, pesando custos e benefícios de separar ou permanecer no relacionamento. Questões como: se podem fazê-lo por conta própria, se o cônjuge reagirá de forma violenta, qual a reação dos amigos, se os filhos sofrerão, como resolver o problema do dinheiro, se há alguém melhor fora da relação e como será ficar sozinho são as mais fundamentais.

Os parceiros procuram não apenas informação, como também legitimação. A associação com pessoas separadas ou em processo de separação confere legitimidade normativa para se sair de um relacionamento e aproxima de uma ideologia do pensar em si mesmo: um sistema de crença que enfatiza a importância do indivíduo sobre o grupo. É notório que a família é reverenciada, nesta sociedade ocidental, como o local de amor, de realização sexual e de auto-realização (Berger & Kellner, 1964; Ariès, 1973; Magalhães, 1993). Cortar os laços de um relacionamento é violar pressupostos de que a prioridade da unidade casal deve prevalecer sobre o indivíduo. Os que terminam relações desenvolvem

a crença de que a responsabilidade com eles próprios é prioritária em relação à responsabilidade com o outro.

O conhecimento de pessoas que iniciaram um rompimento encoraja o parceiro a fazer o mesmo, causando o efeito-dominó, como apresentado no filme "Maridos e esposas" (1992, Woody Allen) - a separação de um casal, dentro de um grupo de vários que são amigos, pode ser seguida pela de um ou mais entre eles.

A criação de novos laços é acompanhada pelo término do antigo, à medida que o parceiro abandona e é abandonado por pessoas associadas ao relacionamento. Os filhos também podem ser abandonados. Pela sua mera existência, eles representam o relacionamento, uma ligação com o passado. A dificuldade de sair de casa é sempre muito maior enquanto os filhos estiverem lá dentro.

A separação dos grupos de amizade é o contrário do que acontece quando duas pessoas decidem viver juntas. Um novo casal é atraído para outros casais e grupos que reforçam a nova definição que eles estão criando. O casal evita associações que enfraqueçam essa definição (Berger & Kellner, 1964). A separação é acompanhada de um rearranjo de grupos de amizades que reflitam a separação crescente das duas pessoas.

O parceiro gasta seu tempo em dois mundos, embora esteja cada vez mais sufocado pelo antigo. Hesita em envolver-se em atividades que poderiam perpetuar a ligação com o cônjuge, como, por exemplo, ter filhos. Sentem que uma criança poderia fechar um círculo que os aproximaria do parceiro mais do que desejam (Simmel, 1902-3, citado por Wolff, 1964).

Certos tipos de encontros públicos podem se tornar um alívio em relação ao mal-estar e às tensões que vivenciam em casa. O casal pode ir a uma festa, a um cinema ou a um bar e não conversarem desde o momento em que chegam até o momento em que saem.

2.3 - A Infelicidade Secreta

Num primeiro momento, grande parte da separação consiste em uma reflexão privada, em uma avaliação. Enquanto isso ocorre, o parceiro continua a participar dos aspectos rotineiros da vida com a outra pessoa. À medida que aumenta a infelicidade, ele começa a revelá-la ao cônjuge, ainda num descontentamento vago e indefinido, sendo as manifestações apresentadas com as mesmas características. As primeiras tentativas de mostrar insatisfação tomam a forma de queixas dirigidas para mudar a outra pessoa ou o relacionamento,

visando aos defeitos habituais do cônjuge. O parceiro manifesta descontentamento através da discussão de um incidente isolado, ocultando assim a verdadeira questão, e o cônjuge, entretanto, responde em termos do incidente isolado.

Porém, a manifestação de descontentamento torna-se mais forte quando o parceiro começa a ver o relacionamento não apenas em crise, mas sem solução. O descontentamento não é mais expresso para melhorar a situação, mas para convencer o cônjuge de que o relacionamento não mais satisfaz. Tenta-se evitar o confronto direto por causa da própria incerteza sobre a direção de suas vidas e as próprias habilidades de saírem de um relacionamento. Abandonar um mal conhecido por algo desconhecido é um risco. O estilo de vida alternativo pode não ser tão bom quanto se imagina. Atingidos pela incerteza, os parceiros não podem se dar ao luxo de serem totalmente diretos (McCall & Simmons, 1966).

Algumas vezes, os parceiros suavizam a manifestação de descontentamento tanto para proteger seu cônjuge como a si próprio, temendo grandes discussões ou represálias. Outros, embora não achem a relação compensadora, podem não estar prontos para abandoná-la completamente (McCall & Simmons, 1966).

Sem desejar abandonar o relacionamento, o parceiro precisa explorar e avaliar a situação sozinho. Assim, ele dá uma aparência de participação, criando uma cobertura protetora que lhe permitirá "voltar", caso os recursos alternativos não dêem certo (Goffman, 1967). Nossa facilidade para fazer isso - desempenhar um papel com o qual não estamos mais tão comprometidos - é uma das habilidades que adquirimos. Segundo Goffman (1959), nos apresentamos aos outros de forma muito semelhante à de atores, afinando nosso desempenho ao papel que nos foi conferido em uma situação particular. Só fornecemos fragmentos do que realmente ocorre dentro de nós durante um momento específico da comunicação. Esses fragmentos são sempre selecionados e arrumados de modo que raramente ocorre uma apresentação fiel da nossa realidade interior. Ela é transformada, reduzida, redirecionada, recomposta (Simmel, 1902-3, citado por Wolff, 1964). Uma vez que tenhamos aperfeiçoado o papel, somos capazes de encená-lo, estejamos ou não com vontade, simplesmente através da reprodução de indícios.

A natureza de um vínculo íntimo é muito difícil de ser confirmada (Goffman, 1967). Os indícios produzidos por ambos, enquanto encenam o papel de parceiros, tendem a ser interpretados pelo outro como sendo o relacionamento (Goffman, 1967). Porém, os custos de se verificar constantemente o que a outra

pessoa está sentindo ou fazendo são altos. Sendo assim, cada um dos parceiros está em posição de ser enganado ou iludido pelo outro (Goffman, 1959). Segundo o autor, o parceiro é capaz de manter as aparências de que tudo está bem através da falsificação, modelagem e manipulação dos indícios. Um "amo você" pode ser dito com vontade de se dizer "hoje foi um ótimo dia", ou pode até encobrir desapontamentos e decepções. Manter segredo é resultado de uma colaboração - o cônjuge tem também sua participação (Goffman, 1959).

Os indícios do parceiro podem ser vagos e difíceis de ser detectados. O cônjuge evita informações de modo a preservar ou manter a situação presente, a adiar uma escolha difícil ou a evitar uma situação ameaçadora, lutando para manter uma vida com a outra pessoa. Alguns reconhecem os indícios negativos, mas definem os problemas como parte normal de uma convivência com outra pessoa e, sendo assim, não há motivo nenhum para alarme.

Tradicionalmente, muitas famílias mantêm as coisas em sigilo. A manifestação de descontentamento é reservada para audiências selecionadas. Segundo Goffman (1959), na maior parte das vezes, os casais cooperam para apresentar-se harmonicamente quando aparecem diante das pessoas. (O comentário: "O quê ? Mas eles formavam um casal perfeito!", reação comum

quando se fica sabendo de uma separação, é um exemplo dessa nossa habilidade.)

Outra maneira que o cônjuge tem para fazer frente aos indícios negativos é vê-los como indícios de um dilema passageiro: isso não vai durar, podendo interpretar o descontentamento como consequência de alguma circunstância social externa. Assim que a situação se esclarecer, o relacionamento voltará a ser como é.

Os cônjuges podem ainda atribuir os indícios negativos a um transtorno físico ou mental que acreditam que temporariamente está atingindo o parceiro. Brannen e Collard (1982) estudaram essa questão em grande detalhe, assinalando o poder relativamente maior do homens - nos casamentos - em desviar o "problema" para a esposa e, inversamente, a maior tendência das mulheres em aceitar a culpa. Segundo esses autores, o cônjuge acredita que a origem da crise não está em si mesmo ou no relacionamento, mas sim no parceiro, sugerindo que este deveria procurar ajuda profissional. Se o parceiro argumenta a favor de uma terapia de casal, o cônjuge pode ir a algumas sessões e depois parar ou recusar a se envolver, sugerindo que o parceiro vá sozinho - afinal, o problema é dele. Em parte, a sugestão é feita para resolver a situação, com a idéia de que o terapeuta irá colocar o parceiro de novo nos trilhos e tudo voltará a ser como era antes.

Embora separados de muitas maneiras, os parceiros permanecem completos parceiros em um procedimento: suprimir informação sobre o relacionamento. As respostas são guiadas pela regra básica da interação cotidiana: em encontros sociais, evitamos embaraçar o parceiro (Goffman, 1967). Cooperamos para evitar constrangimentos mútuos. Os parceiros se ajudam nessa tarefa, não fornecendo informações-chave que ilustram que as coisas não estão bem (Goffman, 1967). A colaboração dos dois em manter o segredo não é apenas altruística, pois ambos têm o que perder num confronto direto. Segundo o autor, muitos parceiros não se arriscam a perder o relacionamento, até que tenham criado o que lhe parece ser um nicho seguro em outro lugar. Os parceiros só revelarão tudo aos cônjuges quando os custos de manter o casamento forem suplantados pelo benefício de abandoná-lo. Até então, eles continuam a dizer sem dizê-lo. E os cônjuges continuarão a saber sem saber.

Essa dissimulação parece ser finalmente rompida devido à interação entre os dois. O parceiro controla esse momento, pois o cônjuge não admitirá que o casamento esteja em crise até que o primeiro manifeste seu descontentamento com total clareza, de modo que este não possa mais evitar essa conclusão. O parceiro se dirige diretamente ao cônjuge não apenas com sentimentos negativos, mas também com o desejo de terminar o casamento. Essas duas mensagens juntas

são tão fortes que o cônjuge é obrigado a alterar o referencial que vinha mantendo. Vale ressaltar que os parceiros confrontam diretamente seus cônjuges apenas quando estão absolutamente certos sobre seus sentimentos.

A separação envolve muitos custos. A maioria das pessoas permanece em relacionamentos insatisfatórios porque não tem vontade - ou condições - de passar pelos custos econômicos, emocionais e sociais de deixá-los: solidão, desagregação, decréscimo no padrão de vida, perda de outras relações, infelicidade do cônjuge, surpresa e ódio de pais e sogros, tristeza dos filhos, condenação pela Igreja, etc...

Segundo Vaughan (1986), uma das formas usadas pelos parceiros para forçar seus cônjuges a redefinirem o casamento como seriamente em crise é diminuir gradualmente o tempo que passam juntos. É comum que os parceiros se isolem psicologicamente de suas casas, ao mesmo tempo em que se ausentam mais e mais do mundo externo. Por certo, eles já vinham fazendo isso mas, à medida que aumenta sua infelicidade, as ausências se tornam mais prolongadas, procurando atividades mais prazerosas em outro lugar.

Uma outra forma usada, segundo a autora, é violar as regras do relacionamento. O parceiro quebra alguma regra (explícita ou não) sobre a conduta apropriada em relação ao parceiro, e seu comportamento é tão contrário

às expectativas que o choque acaba por chamar a atenção deste. O parceiro pode violar regras sobre gentileza e respeito às pessoas amadas, intimidade sexual com o cônjuge, partilha de segredos ou agressão física. Porém, o limite do cônjuge para tolerar essas violações de regras depende, algumas vezes, de quanto tais violações se tomem públicas. Embora possamos ser humilhados pela pessoa com quem estamos casados, as indignidades que sofremos podem ser ainda toleradas porque ninguém sabe a respeito delas - ou acreditamos que ninguém saiba. Se a violação da regra se torna do conhecimento dos outros, o cônjuge geralmente age de forma a evitar embaraço social (Goffman, 1952).

As violações mais públicas - e, assim, as que mais provavelmente levarão o cônjuge a confrontar o parceiro - são aquelas que envolvem sexo com outra pessoa (Goffman, 1952). Ainda que o cônjuge entenda os indícios negativos e fique preocupado com o relacionamento, mesmo assim ainda pode ser capaz de camuflar as coisas (Goffman, 1967), a não ser que ache os indícios de crise fortes demais para serem ignorados.

Novas tensões podem surgir do fato de os parceiros estarem comprometidos com dois estilos de vida diferentes e sendo assim, as pressões começam a se fazer sentir. À medida que eles se envolvem progressivamente em outro lugar, os indícios de transição - mudanças físicas, de hábitos, de interesses -

tomam-se mais numerosos. Os parceiros não se preocupam mais em manter tanto as aparências como antes faziam (Goffman, 1967). A combinação desses fatores amplia a manifestação de descontentamento, desafiando a definição do parceiro, de si mesmos e do relacionamento.

2.4 - A Tentativa de Reconsideração

O parceiro pode dar ao seu cônjuge uma oportunidade de tentar uma reconsideração, mas não a de ter sucesso (Goffman, 1952). Essa tentativa é permitida para poder se deixar mais facilmente o relacionamento, dando tempo ao cônjuge para que se ajuste (Goffman, 1952). Vencendo as objeções do cônjuge de que "você nunca tentou" ou "você não vai ao menos me deixar tentar", o parceiro parece esperar obter o consentimento de que a relação está terminada. Alguns parceiros concordam em tentar para se convencerem de que utilizaram todos os seus esforços para manter a relação. Outros podem tentar para provar aos outros que fizeram tudo que estava ao seu alcance para que o relacionamento se mantivesse. Se ambos tentaram e não foram bem sucedidos, concordando assim que o casamento acabou, as possíveis conseqüências sociais negativas são reduzidas.

O parceiro pode ver o casamento como sem salvação. O cônjuge o vê como tendo salvação. A tentativa é caracterizada pelos esforços de ambos em levar o outro a aceitar sua definição sobre o casamento. Enquanto um procura salvar o casamento, o outro tenta levá-lo a aceitar a separação. Isto não é nada fácil, já que o cônjuge luta para manter o casamento e ainda manter as aparências. Segundo Goffman (1952), quando nossa situação enquanto parceiro é ameaçada pela decisão de outra pessoa, questionamos tanto a nossa própria competência quanto tememos que os outros possam fazê-lo em relação ao fato de como desempenhamos nosso papel. Existe ainda a perda da honra social, que explica a tendência do cônjuge em salvar o relacionamento, mesmo quando admite que o casamento "não está funcionando". Ainda segundo Goffman (1967), o parceiro pode dar a impressão de que tenta salvar o casamento e, ao mesmo tempo, passar a mensagem de que a tentativa não está funcionando. Ele mantém uma posição de ira ou afastamento, a fim de lhe permitir que prossiga na direção de uma separação física, isolando-se afetivamente dos esforços do cônjuge.

O parceiro, social e psicologicamente ausente do casamento por algum tempo, encontra-se numa posição nada fácil. De acordo com Goffman (1952), alguns sentem como uma obrigação o preenchimento do papel de protetor, ao mesmo tempo em que pretendem abandoná-lo, enfrentando assim as exigências

contraditórias de deixar o cônjuge e, ao mesmo tempo, prepará-lo para uma perda. Goffman (1952) ainda mostra que alguns parceiros, sensíveis à necessidade de o cônjuge ser consolado, encorajam-no a procurar outra pessoa para conforto e alívio emocional. Podem secretamente solicitar a alguém que se aproxime do cônjuge, tomando conta dele emocionalmente ou apenas que esteja disposto a ouvi-lo. Outros simplesmente se afastam, deixando um amigo em comum para apoiar o cônjuge.

Segundo Goffman (1952), o parceiro pode sugerir que seu cônjuge procure um profissional, um psicoterapeuta. Porém, a procura de psicoterapia pode também ser idéia do próprio cônjuge que, num esforço de salvar o casamento, sugere uma psicoterapia ou um aconselhamento. O parceiro pode aceitar a sugestão a fim de usar as sessões de psicoterapia para convencer o cônjuge de que o casamento está no fim, tornando as sessões um outro campo de batalha, já que os dois têm objetivos diferentes. Ambos competem pela aprovação dessa terceira pessoa - o psicoterapeuta - que agora entrou no jogo. Simmel (1902-3, citado por Wolff, 1964) aponta como o acréscimo de um terceiro a uma díade pode alterar a forma da interação. Ele assinala que:

"freqüentemente a relação entre duas partes e uma terceira surge como um relacionamento novo. O terceiro elemento, antes ligado de uma forma desigual a um

dos dois, envolve-se e forma uma unidade de interação com um ou com outro, o que altera a área de influência e, portanto, o conjunto".

(Simmel, 1902-3, citado por Wolff, 1964, pp.154-155)²

A psicoterapia ou o aconselhamento de casal podem funcionar como válvula de escape para aliviar tensões, permitindo efetivamente que o casamento se sustente, onde as dificuldades se resolvam ou permaneçam sem solução. Desde a reconciliação até o rompimento, todos os resultados são possíveis (Féres-Carneiro, 1980).

Muitas vezes, as sessões de psicoterapia de casal, tanto de enfoque sistêmico como de enfoque psicanalítico, permitem aos parceiros revelarem o que foram incapazes de dizer antes. Encorajados pela presença do psicoterapeuta, os parceiros confrontam-se diretamente, dando vazão a sentimentos que não haviam manifestado anteriormente: "Quero me divorciar", "Quero sair desse casamento há 'x' anos", "Você nunca me satisfez sexualmente" ou "Tenho outra pessoa". Diante do terapeuta, essas palavras produzem um efeito de desespero, resignação e humilhação pública, quando a sessão é transformada em uma cerimônia de degradação na qual os fracassos do cônjuge enquanto cônjuge são anunciados.

O parceiro pode ainda sugerir uma "separação temporária" como um meio de fazer com que o cônjuge aceite a idéia de que o casamento não tem salvação,

² Tradução do autor.

no sentido de levá-lo a se apoiar em recursos externos para iniciar de forma gentil um rompimento físico (Goffman, 1952).

Sair de casa é um ato público. O parceiro responsável por expor os problemas do casal aos olhos do público sofre as conseqüências da reação social. Como já foi dito antes, uma das regras fundamentais de interação é que cooperamos para ajudar o outro a manter as aparências (Goffman, 1967). Violando as regras do relacionamento, o parceiro dá oportunidade ao cônjuge de manter as aparências. Mais do que vivenciar a humilhação de uma rejeição unilateral, os parceiros podem dizer a si mesmos e a outros de fora que eles não aguentaram mais e pediram a separação, afirmando que tiveram controle sobre o resultado, mais do que foram passivos diante de uma decisão alheia (Goffman, 1952).

2.5 - A Participação dos Outros

Pessoas de fora conhecem muito pouco sobre a conjugalidade que os membros do par criaram entre si. O casal divide o seu tempo entre muitas situações, isto é, podem aparecer juntos diante de diversas audiências, mas nenhum grupo tem acesso contínuo ao relacionamento - nem mesmo amigos

próximos, parentes ou filhos partilham a mesma conjugalidade. Segundo Goffman (1959), a distância temporal de uma encenação é importante para a manutenção de segredos. Se a audiência vai ver apenas uma encenação breve, o casal provavelmente irá realizá-la sem revelar os seus segredos. À medida que a encenação e a familiaridade com a audiência aumentam, também aumenta a possibilidade de revelar a verdadeira situação. A frequência da encenação é tão importante quanto sua extensão. Aqueles que vêem o casal com frequência, e durante encenações longas, estão entre os mais propensos a testemunhar rompimentos do que aqueles que são observadores ocasionais. Porém, vale ressaltar ainda que, para os que assistem à encenação do casal numa sequência relativamente contínua - os filhos, por exemplo -, a manifestação do descontente torna-se rotineira e é aceita como parte do relacionamento, e não como indício de deterioração.

Os cônjuges dão aos seus vários públicos apenas fragmentos e trechos selecionados de informação. Eles trabalham no sentido de dar uma impressão pública da relação ao sustentar a imagem que querem transmitir (Goffman, 1959).

Ambos os cônjuges têm laços antigos com amigos próximos que se organizam para apoiá-los. Os pais, geralmente, apóiam publicamente seus filhos. O apoio, porém, nem sempre ocorre como esperado.

Pais, filhos, amigos mútuos e próximos são "amigos do casamento" em um sentido verdadeiro: eles têm interesse em que o relacionamento seja mantido. São confrontados com uma mudança indesejada e ameaçados por alguma perda - reputação, dinheiro, parentes, amigos - e assim, provavelmente, se opõem à separação. São pessoas significativas para ambos os cônjuges. O parceiro vai então enfrentar uma audiência difícil. Manifestando descontentamento, ele vai revelar sua infelicidade para as pessoas significativas, sabendo que elas vão confrontá-lo, contradizê-lo, condená-lo, ou então apoiá-lo. Os cônjuges agora não colaboram mais para exibir uma frente unida. Publicamente, cada um começa a desvelar a biografia que juntos construíram para os outros (Berger & Kellner, 1964).

Goffinan (1952) assinala que os amigos são ideais para ajudar uma pessoa a ajustar-se a uma perda indesejada porque o relacionamento com eles não está ligado ao papel no qual a pessoa fracassou. Os amigos estão livres, portanto, para tomarem a responsabilidade pelo processo de reabilitação.

Segundo McCall & Simmons (1966), além do círculo dos "amigos do casamento", todo relacionamento tem uma audiência de associados e conhecidos que conhecem os cônjuges de forma mais casual. Embora periféricos, eles também recebem uma explicação. À medida que os cônjuges falam de sua

separação para pessoas cada vez mais periféricas no seu mundo social, a quantidade de informação oferecida diminui. Cada depoimento será mais reduzido, condensado e menos variável (McCall & Simmons, 1966). Uma explicação superficial substitui uma extensa.

Romper vínculos com os filhos é também difícil de enfrentar. Segundo Dolto (1971), filhos que ainda moram em casa são alvo de uma competição intensa. Ameaçados com a possibilidade de uma perda tão significativa, os cônjuges, muitas vezes, violam as regras, lutando a qualquer custo pela posse e guarda dos filhos. São convocados advogados, mediadores, psicólogos e assistentes sociais. Ambos relatam sua definição do relacionamento e do cônjuge em audiência pública, na tentativa de influenciar esses profissionais de modo a conseguir seu apoio, reforçando a legitimidade de seu ponto de vista.

Informar aos outros sobre o rompimento, se preocupar com aqueles que estão se afastando, mudar o padrão de vida, tudo isso exige esforços e uma negociação constante. As novidades se propagam do círculo íntimo para a família, amigos, conhecidos, até finalmente serem de domínio público, consolidando a situação. Uma separação torna a mudança no relacionamento cada vez mais pública, aumentando as barreiras que se erguem e dificultando um retorno (Berger & Kellner, 1964). Ainda segundo esses autores, quanto maior a

audiência, maiores as pressões sociais para que os que estão juntos continuem juntos, embora ter uma audiência maior não signifique ter necessariamente um apoio maior.

CAPÍTULO 3

ESTUDO DE CAMPO

3.1 - Sujeitos

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados de acordo com alguns critérios básicos. Foram entrevistados 16 sujeitos, 8 mulheres e 8 homens, casados há no mínimo 3 anos (primeiro casamento), com o perfil sócio-econômico e cultural da classe média, moradores da zona sul do Rio de Janeiro, com idades entre 35 e 50 anos, separados há no mínimo 1 e no máximo 3 anos, com filho(s) desse casamento e entre 1 a 3 anos e que não sejam ainda recasados.

São elas:

- 1) T., 36 anos, psicóloga, casada durante 10 anos, separada há 3, com 1 filha de 12 anos.
- 2) M., 38 anos, psicóloga, casada durante 7 anos, separada há 2, com 1 filha de 2 anos.

- 3) V., 39 anos, professora de língua estrangeira, casada durante 5 anos, separada há 2 e meio, com 1 filha de 4 anos.
- 4) D., 40 anos, executiva, casada durante 7 anos, separada há 3, com 2 filhos de 5 e 4 anos.
- 5) T., 41 anos, psicóloga, casada durante 15 anos, separada há 3, com 2 filhas de 16 e 14 anos.
- 6) L., 43 anos, roteirista, casada durante 15 anos, separada há 3, com 1 filha de 16 anos.
- 7) A., 48 anos, administradora, casada durante 28 anos, separada há 2, com 2 filhos de 25 e 23 anos.
- 8) I., 49 anos, professora, casada durante 27 anos, separada há 1 e meio, com 2 filhos de 22 e 18 anos.

São eles:

- 9) A., 35 anos, personal trainer/empresário, casado durante 5 anos, separado há 3, com 1 filho de 5 anos.

- 10) A., 36 anos, economista, casado durante 4 anos, separado há 2 e meio, com 1 filha de 4 anos.
- 11) J., 37 anos, engenheiro, casado durante 5 anos, separado há 3, com 1 filho de 6 anos.
- 12) R., 38 anos, engenheiro, casado durante 5 anos, separado há 2, com 1 filho de 4 anos.
- 13) E., 39 anos, corretor de valores, casado durante 10 anos, separado há 2, com 2 filhos de 10 e 6 anos.
- 14) A., 42 anos, comerciário, casado durante 6 anos, separado há 3, com 1 filho de 9 anos.
- 15) J., 45 anos, publicitário, casado durante 20 anos, separado há 2 e meio, com 4 filhos de 15, 14, 11 e 9 anos.
- 16) N., 49 anos, engenheiro, casado durante 8 anos, separado há 3, com 1 filha de 3 anos.

A escolha de sujeitos com o perfil sócio-econômico e cultural da classe média deve-se à observação de que há uma intensa absorção de valores individualizantes, igualitários, nesse segmento da sociedade (Velho, 1981). Essa escolha visou ainda atenuar as variáveis presentes em sujeitos com universos simbólicos e conjunto de valores muito diferentes. (Nicolaci-da-Costa, 1987).

Buscando homogeneizar o grupo pesquisado e evitar obter dados próprios do recasamento, os sujeitos não deveriam ter experiências conjugais anteriores a esse casamento. De acordo com pesquisas realizadas anteriormente, observa-se a existência de uma série de diferenças características entre os sujeitos recasados e os de primeiro casamento (Féres-Carneiro, 1987).

O tempo mínimo de casados foi o de 3 anos, considerando que seria o tempo necessário, em média, para que a conjugalidade se estabelecesse de forma minimamente estruturada, e para evitar colher dados relativos a um período inicial de adaptação dos parceiros (Berger & Kellner, 1964).

O tempo de separados foi entre 1 a 3 anos, considerando que seria o tempo necessário, em média, para que houvesse um distanciamento do momento da separação.

Em relação ao estado civil propriamente dito, os sujeitos deveriam ter coabitado com intimidade sexual há mais de 3 anos, independente do registro civil ou religioso, porém todos os 16 sujeitos entrevistados foram casados oficialmente.

Os sujeitos pesquisados foram todos de classe média, com nível superior, alguns exercendo profissões liberais, outros funcionários de estatais ou de empresas particulares.

3.2 - Instrumento

Após estabelecer os critérios básicos para a seleção dos sujeitos da pesquisa, o próximo passo foi a construção do instrumento de coleta de dados, a entrevista semi-estruturada.

Aproximo o que chamei de entrevista semi-estruturada ao que Nicolaci-da-Costa (1989) chama de "estruturação invisível". Isto é, a entrevista em termos de temas a serem abordados é estruturada, porém estes temas podem aparecer em qualquer ordem que preserve o fluxo de uma conversa cotidiana. As perguntas foram colocadas para o entrevistado somente no caso deste não abordar espontaneamente os temas. É importante ressaltar ainda que todos os temas

foram abordados em todas as entrevistas. Dessa forma, a estrutura é invisível no sentido de que ela existe na mente do entrevistador e não no papel, já que foi evitado o uso de roteiro escrito.

Os entrevistados foram, no geral, indicados por amigos e conhecidos do pesquisador ou conhecidos dos conhecidos. No final de cada entrevista, perguntei se o entrevistado poderia me indicar outro sujeito com as mesmas características.

"Conhecidos ficam menos constrangidos de confiar ao entrevistador seus sentimentos e pensamentos íntimos, enquanto que desconhecidos, por conta de uma desconfiança bastante natural, tendem a se ater a chavões e discursos prontos (e isto não interessa a quem tem por objetivo investigar conflitos íntimos)."

(Nicolaci-da-Costa, 1989)

Vale ressaltar aqui que os sujeitos que entrevistei não desejavam dar o nome de outros sujeitos sem que esses lhe dessem primeiro permissão para tanto.

Na entrevista foram abordados os seguintes temas: o momento em que o sujeito percebeu que aquela relação iria acabar em separação; manifestações de descontentamento; momento de decisão da separação; pós-separação; ajuda profissional legal; ajuda terapêutica; participação dos outros - família e amigos próximos; divisão dos bens; projeto; relacionamentos amorosos seguintes e

recasamento. Esses temas foram propostos tendo como fundamentação o estudo teórico realizado anteriormente sobre casamento e separação.

3.3 - Método

Inicialmente foi realizado um estudo sobre o material teórico produzido sobre casamento e separação, recorrendo às áreas da psicologia e da sociologia, buscando, através desse estudo, contextualizar a dinâmica psicológica e sociológica da conjugalidade.

Após realizada a revisão da literatura sobre o assunto a ser pesquisado, partiu-se para o estudo de campo. Inicialmente foram traçados os critérios para a escolha dos sujeitos, já mencionados anteriormente.

Em seguida, foi dado início ao estudo piloto, um modelo provisório que foi aperfeiçoado e desenvolvido, com o objetivo de aprimorar o instrumento da pesquisa. Nesse estudo piloto, foram entrevistados 2 sujeitos, uma mulher e um homem, cujos relatos não foram incluídos na análise dos dados definitiva. Buscou-se melhorar a entrevista, repensando a importância do material obtido através dos temas propostos, assim como a melhor forma de colher os dados.

A entrevista piloto foi pensada a partir da revisão da literatura sobre o assunto. Os temas abordados permaneceram os mesmos nas entrevistas definitivas, conforme apresentados anteriormente.

A etapa seguinte foi a realização das entrevistas definitivas. Foram 16 entrevistas gravadas e posteriormente transcritas na íntegra, preservando várias das características das falas originais, como expressões coloquiais, gírias, dúvidas e erros de concordância.

As entrevistas transcorreram sem maiores dificuldades. Procurei criar um ambiente de entrevista em que os sujeitos se sentissem seguros e confortáveis, geralmente a casa dos entrevistados, às vezes o meu consultório. Aprofundei os temas na medida em que esses se apresentavam, algumas vezes até propondo questões. O tempo de duração médio das entrevistas foi de 60 minutos com cada sujeito. Discuti o fato deles permanecerem anônimos e sobre o caráter confidencial dos dados, explicando como misturaria a vivência de um com a dos outros, tanto na análise como na redação da minha pesquisa. Informei como intencionava assinalar certos pontos ao usar trechos das entrevistas pessoais e expliquei como faria as citações. Ofereci uma fita da entrevista ou uma cópia da sua transcrição datilografada.

Os sujeitos foram, em geral, solícitos e gentis, como se fará notar pelas citações que ilustram minha pesquisa. Acredito que essa gentileza foi uma consequência de terem participado voluntariamente. No final, perguntava a respeito da entrevista a fim de saber em que direções o conteúdo dela havia afetado os sujeitos e verificar o estado emocional no seu término, pois estava sensibilizado pela habilidade de saírem, de alguma forma, vitoriosos dessa vivência. Perguntava ainda se haviam pensado nela de antemão, e, se sim, o que haviam pensado.

3.4 - Análise do Material Obtido

Na análise do material obtido selecionei 8 temas, dos 11 abordados na entrevista. Esses temas foram considerados mais significativos de acordo com o material que desencadeou o estudo proposto. São as seguintes as categorias de análise utilizadas: momento de percepção da necessidade de separação; manifestações de descontentamento; momento de decisão da separação; pós-separação; participação dos outros - família e amigos próximos; projeto; relacionamentos amorosos seguintes e recasamento. A categoria de análise "preconceito" emergiu do discurso dos entrevistados e foi analisada juntamente com as outras 8.

Li cada uma das 16 entrevistas datilografadas, examinando a vivência de cada sujeito em relação ao seu casamento e a sua separação. Ao priorizar as 8 categorias, recortei as entrevistas, colocando uma frase ou um trecho da entrevista de cada sujeito nessas categorias, considerando cada categoria um arquivo e identificando o sujeito pelo número da entrevista. Retornei as cópias das entrevistas na íntegra e as analisei de novo, tentando estabelecer semelhanças e diferenças no discurso dos sujeitos, embora meu primeiro propósito tenha sido o de examinar as similaridades.

O processo de redação foi de idas e vindas entre as categorias, os dados obtidos e a fundamentação teórica, na busca de uma integração. A análise incluiu não apenas aspectos qualitativos, mas também aspectos quantitativos, sempre que estes últimos foram pertinentes.

A repetição contínua do trabalho de parear essas inúmeras histórias ao lado de sua codificação reduziram a peculiaridade da vivência individual fazendo-me concentrar sobre o que essas vivências combinadas revelavam.

3.4.1 - Momento de Percepção da Necessidade de Separação

A categoria "momento de percepção da necessidade de separação" se refere ao momento em que os sujeitos perceberam não só que a relação prenunciava uma separação, mas também que permanecer junto ao outro estava totalmente incompatível com o sentido de si mesmo, da vida e dos próprios valores.

Alguns sujeitos definiram o relacionamento como fonte de infelicidade.

"Eu percebia que estava infeliz. Você tem que se acostumar com a idéia de que você é infeliz. Como uma doença... como se você fosse alcoólatra... Você não sabe que você é infeliz, até o dia que você percebe isso e tem que admitir." (T., 41, psicóloga)

"O motivo era claro para os dois. Era uma total falta de felicidade. Uma insatisfação de ambas as partes. Ele só não queria se separar porque tinha o vínculo dos filhos." (D., 40, executiva)

Outros entrevistados acharam que as diferenças entre os dois mundos estavam tão claras que não havia nenhuma outra alternativa: continuar no relacionamento estava fora de questão. O cônjuge reconheceu que não pertencia mais àquele relacionamento.

"Começamos a ter divergências no modo de viver, de lidar um com o outro." (E., 39, corretor de valores)

"Já estava cada um pro seu lado há muito tempo." (A., 35, personal trainer)

Alterações na intimidade conjugal, modificações em quem inicia o ato sexual, frequência, duração e intensidade também foram fortes indícios de que algo no relacionamento, ou o próprio, havia terminado.

"Foi havendo um distanciamento cada vez maior, você vai perdendo a intimidade, o tesão. Ela sempre arranjava desculpas... E você começa a ver que não é mais o companheiro, e sim o solucionador de problemas da casa, vai à oficina consertar o carro..." (J., 37, engenheiro)

A insatisfação com o relacionamento pode ser tão grande a ponto do cônjuge reduzir a interação com o parceiro, quando estão em um ambiente íntimo, utilizando alguma estratégia que os isola de seus parceiros, ao mesmo tempo em que lhes dão tempo para refletirem sobre a vida em separado que estão criando. Segundo Duck (1982), o término de um relacionamento é acompanhado por uma crescente perda de conversas íntimas.

"Eu havia comprado um walkman e, quando eu estava em casa, passava o dia inteiro com ele no ouvido. Eu me sentia muito solitário. Comecei a perceber que nada mais daquilo fazia sentido." (R., 38, engenheiro)

Outros violaram as regras do relacionamento, ou seja, quebraram alguma regra (explícita ou não) sobre a conduta apropriada em relação ao relacionamento.

"Ela ficou grávida. A regra do jogo era não ter filhos. Ela entendia, mas depois as coisas mudaram." (N., 49, engenheiro)

As regras do relacionamento podem se refletir numa participação menor no relacionamento. O cônjuge hesita em envolver-se em atividades que poderiam perpetuar a ligação com o parceiro.

"Ele sugeriu que eu fizesse um aborto. Nesse momento, eu tive a certeza que a gente ia se separar." (M., 38, psicóloga)

Se a violação da regra se torna do conhecimento dos outros, o cônjuge geralmente age de forma a evitar o embaraço social (Goffman, 1959). As violações mais públicas são aquelas que envolvem sexo com a outra pessoa.

"Descobri que ele estava tendo um caso... É difícil competir com qualquer novidade na cama, se você é quem está lá há anos." (I., 49, professora)

"Prometi que não iria mais sair com ninguém. Falei que estava maluco, arrependido, que ela era a mulher da minha vida..." (J., 45, publicitário)

"Descobri que ele teve um caso. Eu pensava em me separar. Perguntava para as pessoas: Isso é motivo para separação ou não? As pessoas não te ensinam isso... Eu não podia num dia dormir gostando dele e acordar não gostando, só porque eu soube de um fato novo..." (L., 43, roteirista)

"Me avisaram, abre o olho... Começaram as desculpas, depois as mentiras... Eu confiava nela." (A., 42, comerciante)

"Fui saber que, desde que nos casamos, ele tinha essa mulher. Eu estava tão feliz por ser um casal, que não percebi que ele, com quem eu pensava formar um casal, formava um casal com outra pessoa." (T., 36, psicóloga)

3.4.2 - Manifestações de Descontentamento

A categoria "manifestações de descontentamento" se refere aos indícios de insatisfação - palavras, atitudes, etc... - exibidos para si mesmo, para o cônjuge ou para os outros.

Busquei compreender em que medida essas manifestações eram tentativas de rever e salvar o relacionamento ou apenas uma confirmação sobre o fim do relacionamento.

Os sujeitos, de um modo geral, falaram que no começo do relacionamento, as coincidências e as compatibilidades eram valorizadas e as diferenças eram marcadas como complementares. Porém, a medida em que o relacionamento ia amadurecendo, a percepção do outro ajustava-se à realidade. Quando o relacionamento se tornou problemático, as diferenças passaram a ser mais acentuadas que as semelhanças, tornando-se, em alguns casos, problemáticas.

"Você se apaixona por alguém e parte do que você gosta são as diferenças. Depois você casa e as diferenças começam a te levar à loucura total." (L., 43, roteirista)

A partir da infelicidade, começa-se até mesmo a exagerar os defeitos do cônjuge, havendo uma concentração maior sobre os atributos negativos do cônjuge e da relação.

"Eu lembro que, uma coisa que me irritava profundamente era que, quando ele saía, ele verificava se estava levando o maço de cigarros no bolso. É só você olhar e ver se tem volume no bolso, mas ele tinha a mania de dar duas batidinhas. Eu ficava esperando ele fazer isso. Aquilo me irritava de um jeito que parecia que ele havia me dado uma surra." (T., 41, psicóloga)

"Tudo irrita. Você fica irritada porque ele não pendura a calça no cabide, porque não abaixa a tampa do vaso ou porque dirige feito um louco." (T., 36, psicóloga)

"Me irritava o fato de que, toda vez que eu pedia um favor, depois ela me olhava como se merecesse uma medalha por isso, para que nunca mais lhe fosse pedido mais nada na vida." (A., 36, economista)

A medida que se intensifica o descontentamento de um dos cônjuges, os indícios se tornam mais visíveis. No começo, exibem o descontentamento através de palavras e atitudes. Todas as ações estão investidas nos esforços para renegociar o relacionamento, a fim de que ele possa continuar.

"Ela reclamava que a gente não fazia nada junto. Chegamos a viajar juntos, mas quando a gente pensa que está engatando de novo, voltam os fantasmas do passado... Se ficasse tudo do passado de fora, talvez desse certo." (J., 37, engenheiro)

"Nós conversávamos, mas era tudo um monólogo sem fim. Caminhávamos do Leblon até o Arpoador, e tudo que ele tinha a dizer era um tumulto, uma represa." (A., 48, administradora)

"Eram conversas e mais conversas, seguidas pelos pedidos de desculpa, seguidos por conversas e mais conversas, seguidas por mais pedidos de desculpas." (E., 39, corretor de valores)

"Eu comecei a chegar cada vez mais tarde da Academia pra ver se ela tinha alguma reação, ver se ela falava alguma coisa..." (A., 35, personal trainer)

"Durante o casamento, eu pensei em fazermos análise, mas ele achava que isso era maluquice, que eu tava ficando maluca." (V., 39, professora)

"Um dia, numa discussão, sugeri que fizessemos terapia de casal. Nunca chegamos a fazer porque ele não queria." (T., 41, psicóloga)

Num segundo momento, o cônjuge se queixa do parceiro para convencê-lo de que a relação não está apenas em crise, mas que talvez não tenha mais salvação.

"Pensei que meu casamento pudesse sobreviver a uma infidelidade... Foi ingenuidade pensar isso." (I., 49, professora)

"Minha mulher me pegou beijando outra mulher numa festa de Ano Novo e nunca esqueceu. Cada vez que ela tomava um porre, o assunto voltava." (J., 45, publicitário)

"Ele sugeriu que eu viajasse. Disse: 'Você tem vontade de conhecer o Japão, vai pro Japão'. Eu disse: 'Eu não quero ir pro Japão. Eu quero me separar'..." (V., 39, professora)

"Conversamos e eu disse o que estava sentindo em relação a gente. No dia seguinte, ela quebrou tudo, arranhou espelho, as paredes ..." (A., 36, economista)

"Quando eu disse que queria me separar, aí ele sugeriu que fizessemos terapia de casal. Aí fui eu quem não quis." (T., 41, psicóloga)

Segundo Berger & Kellner (1964), os cônjuges também começam a mostrar descontentamento para com outras pessoas, transmitindo a mensagem para pessoas escolhidas de que nem tudo está bem. Alguns partilharam o seu descontentamento com os filhos.

"Comecei a preparar meus filhos para o que ia acontecer. Expliquei que a gente não estava se entendendo e que era melhor que cada um cuidasse de si. Mas que eles viriam para a minha casa na hora que quisessem e até hoje é isso." (E., 39, corretor de valores)

"Minha filha tinha dez anos, comecei a explicar as coisas pra ela, e ela foi ficando muito triste... Tanto que as fotos dela naquela época mostram um olhar muito triste. Eu nem gosto de ver essas fotos." (T., 41, psicóloga)

O processo de separação conjugal não resulta de ações solitárias, mas da interação do ato individual com o mundo social. Sendo assim, os cônjuges mostram descontentamento em conversas reservadas com confidentes, onde são feitas revelações sobre o parceiro e sobre o relacionamento. As situações passam a ser compartilhadas e avaliadas com outra pessoa, na medida em que o cônjuge elabora dúvidas, contradições e frustrações em voz alta. Para tanto, confiam em um parente ou amigo próximo.

"Antes de me separar, contei tudo pro meu pai. Ele me disse um monte de coisas maravilhosas, que me fizeram chorar mais ainda. Me lembro de perguntar: 'O que que eu vou fazer?' e ele me respondeu: 'Não há muito o que fazer'..." (M., 38, psicóloga)

"Contei pra minha comadre o que estava acontecendo. No final, ela disse: 'É isso que você quer num marido?'..." (V., 39, professora)

"Quando contei pro meu irmão o que havia acontecido, ele disse: 'Esse cara é nojento'. Fiquei atordoada, me pareceu tão forte ouvir isso dele." (T., 36, psicóloga)

Outros procuraram ajuda profissional, algum profissional que esteja fora do relacionamento e sem idéias pré concebidas do parceiro.

"Foram sessões e mais sessões perguntando: 'Como foi que isso aconteceu ?' Eu confiava nela. É preciso confiar na mulher com quem você está casado ou vai passar o tempo inteiro examinando as contas do celular e os recibos do cartão de crédito." (A., 42, comerciário)

Algumas vezes, até na presença do parceiro, o cônjuge pode demonstrar publicamente sua infelicidade, por desinteresse, falta de respeito ou despreço.

"Minha sobrinha nos convidou para sermos padrinhos do seu casamento. Ela tinha a imagem que formávamos um casal maravilhoso. Eu já tava cheia das mentiras e naquela dia, falei: 'Somos o casal errado. O casal de anos atrás era assim. As coisas estão diferentes agora.'..." (L., 43, roteirista)

À medida que os cônjuges manifestam em conversas seu descontentamento em relação ao parceiro e ao relacionamento, os problemas da relação tornam-se claros e se cristalizam. Com a seqüência das conversas, idéias, em geral, transformam-se em possibilidades.

3.4.3 - Momento de Decisão da Separação

A categoria "momento de decisão da separação" se refere ao determinado momento ou episódio que se torna a gota d'água no relacionamento. Nesse momento, nem os filhos nem a falta de dinheiro são desculpas ou pretextos para adiar indefinidamente a decisão.

Busquei entender como se instaura esse momento, se vem sendo construído pelos sujeitos ou não, e finalmente, como foi vivido.

A ampliação da díade homem-mulher, com a inclusão de um terceiro - um filho, e principalmente, a vivência dessa situação, foi um fator fundamental e crucial na desconstrução do relacionamento de alguns sujeitos entrevistados. A chegada do primeiro filho propõe a passagem de uma situação vivida "a dois", para uma situação triangular, que promove, tanto do ponto de vista individual, como do ponto de vista do casal, uma situação crítica que requer novas formas adaptativas de relacionamento. Porém, nem todos conseguem isto.

"Ele sugeriu que eu fizesse um aborto... Eu disse que não. Hoje eu vejo como eu facilitei as coisas para ele. Eu que terminei, ele nem teve o desgaste de terminar. Ele desistiu antes de se desgastar." (M., 38, psicóloga)

"Foi durante minha gravidez, de alto risco. Fiquei sete meses deitada, tive descolamento de placenta, hemorragia, quase tive que fazer aborto. Eu não queria fazer e ele queria que eu fizesse... Não gostei da reação dele no dia do nascimento... Ele rejeitou tudo, a mim, a gravidez, a criança..." (V., 39, professora)

"A gravidez modifica muito a mulher. Ela se torna mais sensível. Você fica um ano desligado de sexo, sem transar. Isso é muito complicado, parece simples pra quem tá de fora, mas isso desestrutura tudo... Foi havendo um distanciamento cada vez maior, você vai perdendo a intimidade, o tesão. Ela sempre arranjava desculpas... Não, agora não, tem que amamentar, tem que botar pra dormir, porque isso, porque aquilo, então você dorme... Aquilo que você tinha, acaba perdendo... Foi aí que eu decidi." (J., 37, engenheiro)

"Ela ficou grávida. A regra do jogo era não ter filhos... Foi ela quem decidiu. Ela optou pela maternidade." (N., 49, engenheiro)

Pretende-se que haja a aceitação do novo membro familiar. Mas ele pode não ser muito desejado. Sua vinda pode ser tolerada ou não.

"Quando eu perdi o neném no quarto mês de gravidez. Isso depurou nosso casamento. Eu já tinha perdido uma outra gravidez, mas a gente estava cheio de amor. Foi uma experiência amarga, que uniu a gente, mas essa foi exatamente o contrário. Eu fiquei arrasada porque era a última chance de salvar nosso casamento. Ele não demonstrou nenhum sentimento de sofrimento, era como se ele tivesse achado bom. Em nenhum momento ele disse 'tenta de novo'..." (T., 41, psicóloga)

O fato do cônjuge descobrir que seu parceiro tinha um caso extraconjugal levou os sujeitos a optarem pela separação, embora todos tenham permanecido ainda casados, mesmo depois que tiveram a nova informação, levando algum tempo para, enfim, tomar a decisão.

"Pensei que meu casamento pudesse sobreviver a uma infidelidade. Toda vez que ia ter uma troca de carinho, vinha a presença da outra. Aquilo ficou marcado." (I., 49, administradora)

"A infidelidade é pequena quando você pensa que seu casamento foi completamente diferente do que você pensava que foi. Você não sabe mais o que foi verdade ou não." (L., 43, roteirista)

"Fiquei algum tempo preparando a separação. Pensava: 'Das amigas que se separaram, quantas parecem estar bem?' ... Demorei bastante até me decidir que queria realmente me separar." (T., 36, psicóloga)

"Relutei bastante a me separar, mas quando tive a certeza que iria ficar com meu filho, tudo ficou mais fácil. No dia seguinte, já estava alugando um apartamento para mim e para ele." (A., 42, comerciário)

"Eu nunca quis me separar. Foi ela quem decidiu. Como já tinha passado seis meses que ela havia descoberto tudo, achei que ela havia me perdoado, sei lá... Um dia, ela chegou e disse: 'você tem uma semana para sair de casa, eu estou me separando de você'. Levei um susto. Ainda consegui prorrogar por dois meses, mas ela tava decidida." (J., 45, publicitário)

Alguns chegaram a esse momento conjuntamente com seus parceiros. A separação já ocorria individualmente para cada um, faltando agora apenas a comunicação mútua.

"Chegamos a conclusão que se ficássemos naquele relacionamento de briga, discussão na frente das crianças, seria mais prejudicial que a própria separação." (E., 39, corretor de valores)

"Nós já havíamos conversado sobre a separação algumas vezes. Um dia, fomos fazer compras e vimos um jogo de pratos bonitinho que a gente gostou. Aí ele disse: 'vamos levar?' Eu perguntei: 'um ou dois?' Ele disse: 'tá bom, vamos levar dois', e foi assim..." (D., 40, executiva)

"Meus pais tinham ido pra Portugal, eu disse que ia ficar na casa deles pra cuidar do apartamento e nunca mais voltei... O mais engraçado é que ela nunca me perguntou quando eu iria voltar..." (A., 35, personal trainer)

"Até o dia em que ele me disse que só faltava o meu aval para sair de casa. Eu disse: 'tá liberado, você é livre para isso'..." (A., 48, administradora)

3.4.4 - Pós-Separação

A categoria "pós-separação", ou "separação psíquica" na terminologia de Bohannon (1970), se refere, internamente, ao período de desconstrução do vínculo conjugal no sentido de abertura de espaços intra-pessoais, e externamente, ao período de remoção definitiva de alianças, divisão formal de bens e decisões sobre a guarda dos filhos.

Busquei, em última instância, compreender como os sujeitos se organizaram, interna e externamente, a partir do momento em que decidiram se separar, e como vivenciaram o período seguinte à separação, a exploração do mundo interno, o ambiente externo e o reequilíbrio intrapessoal.

Enquanto entrar em um casamento é algo ritualizado, o mesmo não é válido para a separação. De forma geral, para os entrevistados da minha pesquisa, separar-se significou enfrentar o desconhecido em muitos sentidos.

Alguns, por se sentirem sufocados com o relacionamento, ao conseguirem se separar, tiveram sensação de alívio.

"No dia que ele saiu foi um grande alívio. Foi como se um peso de 300 toneladas tivesse sido retirado das minhas costas." (V., 39, professora)

"Foi uma libertação" (A., 35, personal trainer)

"Foi uma espécie de recomeçar, você se sente livre por ter colocado um ponto final numa coisa que já estava desgastada. Foi um alívio." (T., 41, psicóloga)

Porém, esses mesmos sujeitos relataram que, num segundo momento, após a sensação de alívio, tiveram dificuldades de lidar com a solidão, com o medo e todas as consequências da separação.

"Depois você começa a se dar conta que está realmente só. Tinha horas que eu entrava em desespero, não sabia como fazer as coisas mais simples do mundo. Uma vez a torneira arrebentou, eu não sabia o que fazer, tinha medo de chamar alguém pra consertar... Eu passei a noite inteira sozinha, com a torneira pingando... Foi a solidão da torneira." (V., 39, professora)

"Foi difícil me separar do meu filho. Todo dia eu ligava pra ele e dizia: 'Você sabe que o papai te ama'... um dia, ele falou: 'De novo, você fala isso todo dia'..."(A., 35, personal trainer)

"Foi muito difícil quando eu percebi que estava sozinha, com duas filhas, tendo que me virar em dez pessoas ao mesmo tempo" (T., 41, psicóloga)

A solidão e o medo estiveram presentes também nos sujeitos que nem chegaram a ter uma sensação de alívio num primeiro momento.

"É muito difícil ficar sozinho. Você chega do trabalho, tem que esquecer tudo, porque tem seu filho que não tem culpa de nada." (A., 42, comerciário)

"Eu ficava pensando: como é que eu vou me virar sozinha? Não vou dar conta das coisas... Fiquei com muito medo. Depois eu descobri que é perfeitamente normal criar filho sozinha... Se furar o pneu, você troca..." (L., 43, roteirista)

Alguns simplesmente tentaram seguir em frente, canalizando suas energias para o trabalho.

"Você tem que continuar sua vida normal, sua rotina, nada para. Você tem que trabalhar do mesmo jeito, triste ou contente..." (E., 39, corretor de valores)

"Fiquei muito absorvido com o trabalho, saía às 7 horas da manhã e só voltava às 8 da noite." (J., 37, engenheiro)

Outros mesmo tentando seguir suas próprias vidas, ficaram ainda muito tempo presos à relação, ou por quererem ainda estar nela ou apenas tentando compreender, de fato, o que acontecera.

"Eu passava as noites inteiras acordado, esperando que ela me procurasse para dizer que tudo não passara de um equívoco, que ela devia estar louca, que não sabia o que lhe dera na cabeça..." (J., 45, publicitário)

"Eu tentava lembrar coisas horríveis a respeito dele... Mas a única coisa realmente horrível sobre ele é que ele me traiu." (I., 49, professora)

"Ele me disse que nosso casamento foi bom por um longo tempo e eu não conseguia lembrar se tinha sido mesmo." (T., 36, psicóloga)

"É como se você tivesse investido em você, na sua vida, no seu projeto. É incrível que até hoje eu não consegui me organizar totalmente..." (R., 38, engenheiro)

Outros se reorganizam em relação à própria casa e a si próprios, muitas vezes com um sentimento de estar "nascendo de novo", de estar desenvolvendo uma identidade nova desvinculada do antigo cônjuge..

"No dia em que ele saiu de casa, eu desmontei a cama e me desfiz dela. Uma cama linda que eu tinha... Botei uma outra cama, menor, pra mim. Comecei, pela primeira vez, minha vida de solteiro. Antes, eu era tutelada pelo meu pai, depois pelo meu ex-marido. Nesse momento, eu era responsável por mim mesma, minhas atitudes, tudo..." (A., 48, administradora)

"Na década de 70, eu era apaixonada pelos Beatles e meu ex-marido não gostava. Eu não escutei nenhum disco dos Beatles durante meu casamento. A primeira coisa que eu fiz quando me separei foi ir numa loja e comprar uma porção de discos... tudo em CD." (V., 39, psicóloga)

Os que tiveram uma separação mais conturbada, ficaram mais desestruturados nesse período logo após a separação.

"Foi horrível, uma confusão na minha cabeça. A gravidez dinamitou o relacionamento. A minha cabeça metralhou de um jeito tal que eu fiquei atordoado." (N., 49, engenheiro)

"Internamente, eu fiquei muito mal, eu estava tão comprometida por todos esses agravantes, perdi tudo, trabalho... Sempre tive minha independência financeira, voltei pra casa dos meus pais, desempregada, separada, com uma filha pequena... Eu era a própria imagem do sofrimento..." (M., 38, psicóloga)

"Ela destruiu o apartamento. Quando eu vi aquela casa toda destruída, acho que me senti destruído também." (A., 36, economista)

Apenas uma entrevistada teve um período pós-separação mais tranquilo, decorrente de uma separação mais amigável.

"Nós fomos procurar apartamento juntos para ele, nós nos queríamos muito bem... Quando fomos ao juiz, ele perguntou: 'você tem certeza ?'..." (D., 40, executiva)

3.4.5 - A Participação dos Outros

A categoria "a participação dos outros" se refere à forma como aqueles que mantêm laços fortes com ambos os cônjuges - amigos próximos e família - participam da separação conjugal.

Busquei compreender como os amigos próximos e os pais, muitas vezes mesmo com o interesse que o casamento seja mantido, lidam com essa mudança.

1) Os amigos próximos que ambos partilham

Segundo Goffman (1952), os amigos são ideais para ajudar uma pessoa a ajustar-se a uma perda indesejada porque o relacionamento com eles não está ligado ao papel no qual a pessoa fracassou. Os amigos estão livres para tomar a responsabilidade pelo processo de reabilitação.

Essa categoria teve apenas dois tipos de resposta. Os amigos foram incapazes de apoiar ambos os cônjuges de forma igualitária, optando ou se alinhando com um ou com outro cônjuge, como mostram as citações abaixo:

"Os poucos amigos que eu tenho, estiveram sempre comigo." (A., 48, administradora)

"Os mais próximos ficaram com ele, os meus ficaram comigo." (D., 40, executiva)

"Uns são mais amigos meus, outros são mais amigos dela, mas o que eu noto até hoje é que ninguém deixou de ser amigo de ninguém." (R., 38, engenheiro)

"Os que eram provenientes de mim continuaram comigo e os que eram provenientes dela continuaram com ela." (A., 35, personal trainer)

Os amigos simplesmente deixaram de ver os cônjuges porque foram incapazes de escolher entre os dois, achando difícil apoiá-los. Nesse caso, eles se retiraram, isolando os recém-separados.

"Os amigos debandaram. Ninguém quer tomar partido." (V., 39, professora)

"As amigadas do casal sumiram." (I., 49, professora)

"Os amigos que a gente via não me procuraram mais, me deletaram. Não sei se procuraram ele depois." (L., 43, executiva)

"As pessoas tentam não tomar partido, tentam ficar neutras." (A., 36, economista)

2) Os pais

Os cônjuges procuram apoio social, principalmente da família e dos amigos próximos. O apoio, a boa-vontade e a lealdade dos pais é fundamental nessa fase de transição. Alguns familiares são contrários à separação porque acreditam que compromisso é compromisso, sem exceções.

"A minha mãe não me apoiou. Ficou numa neutralidade que nesse caso é apoiar contra, porque quando mãe é neutra, é porque é contra." (T., 41, psicóloga)

"Meus pais apoiaram por obrigação. Aos olhos deles, não era uma coisa normal, eles são casados há 40 anos. Acharam que não havia motivos para separação." (J., 37, engenheiro)

Porém, todos os outros entrevistados afirmaram que os pais apoiaram integralmente suas decisões, se prontificando a ajudá-los no cuidado com os filhos, além do apoio financeiro e emocional.

"Antes de me separar, contei tudo pro meu pai. Ele me disse um monte de coisas maravilhosas que me fizeram chorar mais ainda. Me lembro de perguntar: 'O que que eu vou fazer ?' e ele me respondeu: 'Não há muito o que fazer'..." (M., 38, psicóloga)

"Uma coisa que posso garantir a respeito de separação conjugal é que recebemos muitos abraços quando estamos no meio de uma." (L., 43, roteirista)

"Meus pais me apoiaram totalmente." (R., 38, engenheiro)

"Eu tive uma ajuda familiar muito grande. Do meu pai e da minha mãe. A mamãe é mais estourada, mas sempre me ajudou muito. Meu pai assumiu a função de pai da minha filha. Embora ele se diga avô e faça questão disso, ele é um pai pra ela." (T., 36, psicóloga)

3.4.6 - Projeto

A categoria "projeto" se refere ao planejamento a curto, médio e longo prazo dos sujeitos a nível individual, logo após suas separações conjugais. Segundo Velho (1981), o projeto não é um fenômeno puramente interno e subjetivo, e sim elaborado dentro de um "campo de possibilidades".

Busquei, nessa categoria, conhecer as motivações, interesses e expectativas dos sujeitos através desse aspecto prospectivo.

Os sujeitos apresentaram, de um modo geral, planos: profissionais, familiares e materiais. Entre os que priorizaram o lado profissional, observei uma subdivisão: Alguns estavam preocupados com um recomeço profissional e uma possível inserção no mercado de trabalho.

"Em termos profissionais, foi a passo de cágado... Eu tinha que fazer alguma coisa e não sabia exatamente o que fazer. Aí arranjei esse emprego..." (V., 39, professora)

"Eu comecei do zero, com quase quarenta anos. Tinha passado dez anos no exterior, não conhecia ninguém aqui, tinha que trabalhar..." (L., 43, roteirista)

"Uma amiga minha me ofereceu trabalho, caiu do céu, justamente na hora que eu ia procurar emprego. Eu queria voltar trabalhar e ter uma independência financeira, e não ficar dependendo de casar com outra pessoa para ter uma casa." (M., 38, psicóloga)

Outros, já engajados profissionalmente, procuraram aperfeiçoamento e desenvolvimento profissional.

"Voltei a estudar, fui fazer Mestrado na PUC." (A., 36, economista)

"Parece que fiquei com mais tempo para as minhas coisas. Já estava me eternizando no Doutorado, eu não conseguia terminar. Seis meses depois de sair de casa, defendi minha tese." (R., 38, engenheiro)

"Abri com um sócio a minha própria Academia, toda informatizada." (A., 35, personal trainer)

Alguns, sem ter citado planos profissionais, falaram de planos familiares, em relação aos filhos.

"Meu filho era o meu projeto. Falo sempre: 'Vou fazer dele um homem, responsável, amigo, com a cabeça boa.'..." (A., 42, comerciário)

"Procurei um apartamento para os meus filhos morarem, um lugar que tivesse atividades para eles..." (E., 39, corretor de valores)

"Voltei para o Rio com minhas duas filhas, tive que tomar uma série de decisões a respeito da minha filha mais nova, ela estava no ginásio e teve que fazer uns testes de equivalência, e eu não sabia se era melhor ela repetir o ano ou continuar numa turma mais avançada. É horrível ter que tomar essas decisões sozinhas..." (T., 41, psicóloga)

E finalmente os demais entrevistados falaram de planos materiais.

"A venda do apartamento me maltratou mais que a separação. Foi onde os meninos cresceram. Eu sentia que estava vendendo a minha história junto. Mas eu sabia que tinha que me movimentar, procurar outro apartamento, decorar, isso me consumiu quase um ano, foi meu grande projeto." (A., 48, administradora)

"O meu projeto seria mudar de casa. Isso de morar na mesma casa que você morou com seu marido é fogo." (I., 49, professora)

Porém, todos os entrevistados conseguiram pensar em algum tipo de projeto após suas separações, e muitos deles até mesmo realizá-los.

3.4.7 - Relacionamentos Amorosos Seguintes

A categoria "relacionamentos amorosos seguintes" se refere à maneira como os sujeitos estabeleceram relações amorosas com outros sujeitos, após suas separações conjugais.

Busquei compreender como os sujeitos estabeleceram e vivenciaram as trocas amorosas que se seguiram e o grau de fechamento deles em si mesmo.

Para alguns, pensar em si mesmo não é uma coisa nova. Antes de formarem um casal, tiveram um estilo de vida no qual o bem-estar individual era prioritário. Ao se separarem, retornaram ao antigo estilo de vida, ao mundo dos solteiros, reintegrando-se ao padrão social daqueles que vivem sem parceiros.

"Comecei a voltar a fazer programas de solteiro, procurar programas com os descasados, é outro tipo de programa. Eu queria sair, me divertir, esquecer todo problema que é uma separação, que por mais amigável que seja, é uma separação." (J., 37, engenheiro)

"Você tem que refazer suas amizades de solteiro, o tipo de saída é outra. Você começa a sair no meio da semana, namora uma pessoa, sai, sai, mas no fundo você quer arrumar uma pessoa que tenha um ritmo de vida mais parecido com o seu." (E., 39, corretor de valores)

"A Academia te proporciona uma vida de solteiro bem interessante. Tive algumas namoradas até ficar com essa minha atual." (A., 35, personal trainer)

"Namorei alguns descasados. A gente começava a namorar e as ex-mulheres quando sentiam que eles estavam namorando, queriam voltar o relacionamento. A desculpa era sempre a mesma: o filho. Tive uns dois assim..." (T., 36, psicóloga)

Porém, a grande maioria dos entrevistados relatou o quanto ficaram perdidos, confusos, e até mesmo assustados, quando começaram a sair ou a se interessar por outra pessoa.

"Fiquei muito perdido. Conheci uma mulher que era casada. Aí começou um relacionamento a três, eu, ela e o marido dela... Saíamos todo dia juntos, só não havia sexo, mas era tudo a três. Depois eu vi que isso era muita doideira." (A., 36, economista)

"É muito assustador. Você fica quinze anos casada, aí volta a sair com outro homem, é estranho..." (T., 41, psicóloga)

"Ela não era exatamente o meu tipo, mas eu não podia esquecer aonde o meu tipo me levou." (N., 49, engenheiro)

"Fiquei bastante confusa com tudo. Os homens preferem ter um relacionamento rápido, superficial, transar, acabou. Eles querem uma emoção imediata e eu não estou buscando isso." (L., 43, roteirista)

"Logo depois que me separei, tive uma relação muito tumultuada, não conseguia administrar a relação." (V., 39, psicóloga)

"Comecei a sair com um ator famoso de televisão e sempre pensava se eu podia ter um casamento feliz com alguém tão assediado. Depois pensei: 'será que eu não posso sair com um homem sem pensar em casamento ?'..." (A., 48, administradora)

A dificuldade em saídas com novos parceiros muitas vezes está ligada também a dificuldade de administrar esses novos namoros com os filhos.

"Como fiquei com a guarda do meu filho, minha única preocupação era arranjar alguém que gostasse dele. A única namorada que tive é a minha atual, que já está há dois anos comigo." (A., 42, engenheiro)

"Demorei a ter outros namoros, eu não saía de casa. Filho pequeno te absorve muito... A primeira vez que saí, conheci meu namorado." (M., 38, psicóloga)

"Minha filha tem cinco anos e meu filho tem quatro, eles me demandam muito tempo... Eu tive um namorado sim, mas é complicado trazer namorado pra dentro de casa, quando você tem filhos pequenos." (D., 40, executiva)

"Os namoros começam a durar mais quando você está com alguém que gosta dos teus filhos. É tudo o que você quer. Você diz que não vai ao cinema porque teus filhos vão dormir com você, aí ela começa a reclamar. Se encher meu saco, vai à luta que eu não estou mais casado." (J., 45, publicitário)

3.4.8 - Recasamento

A categoria "recasamento" se refere à idéia futura dos sujeitos de voltar a constituir um casal, se empenhando a construir uma nova conjugalidade.

Busquei conhecer as motivações, as expectativas e os medos desses sujeitos em voltar a constituir um casal.

Os sujeitos mais velhos da minha pesquisa foram categóricos ao afirmar que não pensam em recasar em hipótese alguma, embora demonstrassem desejo de namorar.

"Adoro morar sozinha. Dividir a minha liberdade hoje é uma agressão. Agora, já um companheiro que more na casa dele e eu na minha... É utopia. Muita gente quer isso." (A., 48, administradora)

"Quero encerrar minha carreira sozinho. Aliás, todas as vezes que eu namorei, nunca pretendi casar." (N., 49, engenheiro)

"Eu gostaria de ter um namorado, com quem eu pudesse sair, viajar, pudesse ficar na casa dele um dia, ele na minha outro dia, mas casar nunca... Tenho minha casa, meu espaço, não quero ninguém se metendo na minha vida." (L., 43, roteirista)

Duas delas consideraram apenas a hipótese de recasar com o ex-marido.

"Casar de novo, nem pensar... Só se fosse com meu marido, aí eu até podia pensar de novo, ver os filhos formados, casados..." (I., 49, professora)

"Está totalmente fora dos meus planos casar de novo. O ideal seria que, daqui há uns dez anos, se ele (o ex-marido) estiver sozinho e eu também, a gente fosse morar junto de novo, eu gostaria de envelhecer com ele. Agente compra um duplex, cada um fica num andar e a gente vai curtir visita de neto... Quem mais vai curtir os meus netos tanto quanto eu ?..." (T., 41, psicóloga)

Os demais pensam todos em recasar, cada qual com suas condições.

Alguns estão incisivos em não repetir os erros do casamento anterior.

"Não casar por casar ou casar para estar acompanhado. Casar por afinidade. Não pretendo fazer concessões como fiz antes." (A., 36, economista)

"Tenho um certo medo de casar de novo, mas acho que isso vai acabar acontecendo naturalmente." (A., 35, personal trainer)

"Penso, mas vai ter que ser em termos mais saudáveis." (R., 38, engenheiro)

Outros tem como grande preocupação o fato do parceiro querer ter filhos, e eles não estão mais dispostos a tê-los.

"Penso em ter um companheiro, ter minha casa. Adoro o cotidiano da vida de casal, pensar no que fazer para o jantar, aonde iremos no final de semana... Só não quero ter mais filhos." (T., 36, psicóloga)

"Penso sim, acho que viver sozinho é muito pobre, eu acredito na cumplicidade... Mas eu não penso mais em ter filhos, já tenho 40, dois filhos e uma vida toda estruturada. Já é difícil pra mim namorar..." (D., 40, executiva)

"Ela (atual namorada) quer filhos, mas eu não quero mais... Passar tudo de novo, choro de criança... Filho é mais pra quando você está novo." (J., 45, publicitário)

"Minha namorada é solteira, não tem filhos, hoje inclusive é uma luta contornar essa situação, não sei se é egoísmo da minha parte... Enquanto eu puder postergar essa idéia, eu vou..." (A., 42, comerciário)

"Se eu fosse sozinho, seria mais fácil. Com filho é diferente. Você vai casar com uma mulher que não tem filho. Ela vai querer ter um. Será que eu tô a fim de passar por isso de novo? A mulher faz tudo pra ter um filho com o companheiro." (J., 37, engenheiro)

"Não descarto a hipótese. Começar um relacionamento com alguém que dê força aos seus filhos só faz fortalecer o relacionamento... Mas eu não penso em ter mais filhos." (E., 39, corretor de valores)

Apenas uma entrevistada falou do seu desejo de recasar, sem qualquer tipo de objeção, inclusive o de voltar a ter filhos.

"Sim, eu penso em recasar. Sou do tipo que gosta de fazer comida, de dar café na cama, acho ótimo isso, conviver junto. Se ele tivesse filhos, talvez fosse melhor, eu não pensaria em maternidade novamente. Mas eu teria um filho, se ele quisesse. Jamais faria o que fizeram comigo." (M., 38, psicóloga)

3.4.9 - Preconceito

A categoria "preconceito" se refere às atitudes discriminatórias de outras pessoas, ou mesmo de si própria, em relação ao fato dela estar separada.

Essa categoria emergiu não da fundamentação teórica, mas do próprio discurso das entrevistadas, onde todas as oito falaram de algum tipo de

preconceito sofrido por essa mudança em seu estado civil. Chamou-me a atenção o fato de que nenhum dos oito entrevistados fez referência a qualquer tipo de preconceito.

Duas das entrevistadas argumentaram que o preconceito é maior por parte das próprias mulheres do que dos homens.

"Tem uma amiga que só me convida para sair se eu estiver com alguém. Ela sempre pergunta: 'você está namorando?' Dependendo da resposta, ela me convida ou não." (T., 41, psicóloga)

"O preconceito vem mais da mulher. Elas acham esquisito não ter par. Eu já senti amigas casadas não me convidando por eu ser solteira e representar uma ameaça." (M., 38, psicóloga)

Metade das entrevistadas acharam que o preconceito aparece, tanto da parte dos homens, quanto da parte das mulheres.

"Algumas pessoas consideram que você ser uma mulher sozinha é como se tivesse faltando alguma coisa. Tem alguma coisa errada com você. Você não foi escolhida, você não gosta de homem. Senão, você não estaria só." (L., 43, roteirista)

"As pessoas dizem que se você não tem um namorado, você é infeliz. Elas dizem: 'Você tem que ser feliz', e eu digo: 'Eu não sou infeliz'. Aí elas dizem: 'Você é infeliz porque está envelhecendo e não tem um namorado'. É duro lutar contra essa infelicidade que é imposta." (D., 40, executiva)

"O preconceito é dos dois. É como se a mulher estivesse sempre precisando de um homem. Rola uma fantasia da mulher que você está a fim do marido dela e do homem que, ou acha que tem que resolver certos problemas teus porque você está separada, ou te olha como uma pessoa disputável." (A., 48, administradora)

"Os homens tiveram preconceito comigo. Eles se aproximavam pra se dar bem... Mulher descasada, nova, morando sozinha, tá carente, tá louca pra dar... Já as mulheres te olham como uma ameaça. A minha própria prima passou a não me convidar pra mais nada na casa dela." (T., 36, psicóloga)

Outras duas falaram que o preconceito provinha delas próprias.

"Às vezes, eu saio com meu irmão e minha cunhada, mas eu me sinto péssima. O fato de eu estar atrás no carro, sozinha, sem um companheiro, com um casal na frente me faz mal, eu me sinto muito mal." (I., 49, professora)

"Saía com a minha filha, sem uma figura masculina do meu lado e começava a sentir vergonha. Aí comecei achar aquilo ridículo porque eu saía sozinha com ela antes de me separar, sem ele e não sentia vergonha nenhuma." (V., 39, professora)

CONCLUSÃO

Os resultados aqui descritos provieram, principalmente, da análise da vivência de 16 sujeitos que passaram pelo processo de separação conjugal. Não pretendo aqui formular uma caracterização absoluta ou uma tentativa de aproximar o curso da vida de quem se separa. Porém, tentei identificar algumas características desse processo, jamais concluindo que todas elas apareceram ou aparecerão em todos os casos.

O convite para a entrevista fez com que alguns sujeitos se abstivessem de participar da minha pesquisa, enquanto outros se sentiram à vontade ao confidenciar particularidades íntimas a alguém alheio ao seu cotidiano. Quaisquer que tenham sido as razões, os que concordaram em ser entrevistados não se sentiram constrangidos em revelar suas histórias. A diferença entre os que voluntariamente aceitaram o convite e aqueles que não o fizeram suscita um questionamento, o que deve ser, ao menos, registrado aqui, já que essa dissertação foi, em grande parte, baseada em depoimentos individuais.

Através das categorias temáticas utilizadas na pesquisa, pude observar como os sujeitos vivenciaram e elaboraram o processo de separação conjugal.

As três primeiras categorias, “momento de percepção da necessidade de separação”, “manifestações de descontentamento” e “momento de decisão da separação”, foram as categorias que suscitaram as respostas mais longas e o maior número de comentários por parte dos entrevistados. Acredito que a valorização destas categorias deve-se ao fato de que, nestes temas, os sujeitos justificam e reavaliam o que foi o seu casamento, apontando não só as causas da separação, mas também os indícios de insatisfação exibidos para si mesmo, para o cônjuge e para os outros.

Essas três categorias dão partida ao processo de separação conjugal. Constatei, através dessas categorias, que os sujeitos que pensaram em separação, não elaboraram um plano e o perseguiram até o final. Eles se sentiram infelizes em seus casamentos, nem sempre sabendo o porquê. A maneira como um cônjuge termina o seu casamento é raramente o resultado de um plano bem articulado, planejado desde a primeira suspeita de infelicidade. O que observei foi a grande dificuldade dos parceiros em contar que não querem mais estar casados. Não há nenhuma forma gentil e indolor, nenhuma forma de fazê-lo sem magoar o outro. No casamento, há envolvimento público e pessoal, uma casa, muitas memórias e histórias compartilhadas. Por isso, os relacionamentos não terminam assim tão rapidamente. Os cônjuges manifestam descontentamento e convencem os

parceiros que o relacionamento não tem mais salvação, prolongando sua própria dor e a do parceiro. Até o momento em que, nem os filhos nem a falta de dinheiro, são desculpas ou pretextos para adiar indefinidamente uma decisão.

Comparada às categorias anteriores, a categoria “projeto” suscitou muito menos comentários por parte dos entrevistados, embora todos eles conseguiram pensar em algum tipo de projeto - profissional, familiar ou material - , após suas separações, e muitos deles até mesmo realizá-los.

Na categoria “pós-separação”, comentários sobre a divisão formal de bens e decisões sobre a guarda dos filhos não surgiram. Os entrevistados preferiram falar sobre a desconstrução do vínculo conjugal. Embora somente alguns tenham expressado uma sensação de alívio, os entrevistados, de forma geral, enfatizaram a dificuldade de lidar com a solidão e de enfrentar o desconhecido.

A categoria “participação dos outros” foi a mais sintética, provocando um repertório menor de respostas. Em relação aos amigos próximos, os entrevistados se dividiram afirmando que ou os amigos foram incapazes de apoiar ambos os cônjuges de forma igualitária, optando ou se alinhando com um deles; ou então, incapazes de escolher entre os dois cônjuges, eles se retiraram, isolando os recém-separados. Em relação aos pais, os entrevistados afirmaram que os

mesmos os apoiaram integralmente nas decisões, prontificando-se inclusive a ajudá-los no cuidado com os filhos, além do apoio financeiro e emocional.

A categoria “relacionamentos amorosos seguintes” foi, ao mesmo tempo, percebida como esperançosa e assustadora. A grande maioria dos entrevistados relatou o quanto ficaram entusiasmados e perdidos, quando começaram a sair ou a se interessar por outra pessoa. Alguns demonstraram ainda dificuldades de conciliar esses novos namoros com os filhos, o que os deixam ainda mais confusos.

Na categoria “recasamento”, os sujeitos mais velhos foram categóricos ao afirmar que não pensam em recasar, embora demonstrassem desejo de namorar. Já os sujeitos mais novos, dado o sentimento de ter a vida pela frente, demonstraram maior interesse em recasar, embora não queiram mais ter filhos.

A categoria “preconceito” emergiu do discurso das entrevistadas, onde todas as oito mulheres da minha pesquisa falaram de algum preconceito sofrido por parte dos homens, por parte das mulheres e por parte delas mesmas. Chamou-me à atenção o fato de que nenhum dos oito homens entrevistados fez referência a qualquer tipo de preconceito.

Em suma, o processo de separação conjugal foi percebido de forma geral, nessa pesquisa, como desordenado. Ainda assim, apesar de toda a confusão, tristeza e dor dos entrevistados, houve uma ordem subjacente que apareceu em quase todas os 16 depoimentos com as quais trabalhei durante a elaboração dessa dissertação. No meio de toda a desordem que foi o processo de separação para essas 16 pessoas, houve uma sequência natural de comportamento. Cada um dos parceiros tentou redefinir a si mesmo, ao cônjuge e ao casamento. Cada um elaborou seu próprio processo social de luto, encontrando pessoas que o ajudaram nessa transição: família, amigos próximos, psicoterapeutas, namorados. Cada um vivenciou a distribuição dos bens e dos grupos de amizade. E quanto mais as novas definições se tornaram públicas, mais confirmado ficou o processo de separação conjugal.

Acredito que os entrevistados selecionaram aquilo que revelaram, ou por questões de privacidade ou tendência natural de evitar algum mal-estar. Sem dúvida, o tema da minha pesquisa é bastante delicado para ser abordado por um observador externo, desinformado sobre a história pessoal de cada entrevistado.

Não tenho qualquer pretensão de ter esgotado a discussão sobre a questão da separação conjugal. Acredito que as relações são dinâmicas e sujeitas a mudanças, e que essa é sua condição principal. São tão complexas que talvez seja

impossível, mesmo para os dois cônjuges, partir todas as alianças ou romper todos os laços de uma vivência a dois.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA PRADO, M.C.C. (1996) "Uma introdução aos quiproquós conjugais". Em: Féres-Carneiro, T. (org.), *Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal*. RJ, ANPEPP, vol 1, n 1, pp.17-24.
- ANZIEU, D. (1974) "L'illusion grupal". In: *Nouv. Rev. Psychanalyse*, n 4, Paris, Ed. Gallimard.
- ARIÈS, P. (1973) "História social da família e da criança". RJ, Jorge Zahar Editores
- _____. (1981) "A família e a cidade". Em: Figueira, S.A. e Velho, G. (orgs.), *Família, Psicologia e Sociedade*. RJ, Ed. Campus, pp.13-23.
- ARIÈS, P. e BÉJIN, A.(orgs.) (1982) "Sexualidades ocidentais". SP, Ed. Brasiliense.
- BARDIN, L. (1977) "Análise de conteúdo". SP, Edições 70, Person.
- BÉJIN, A. (1982) "O casamento extraconjugal nos dias de hoje". Em: Ariès,P. e Béjin,A.(orgs.), *Sexualidades ocidentais*, SP, Ed. Brasiliense, pp. 183-209.

- BERGER, P.L. & KELLNER, H. (1964) "Marriage and the construction of reality". *Diógenes*, 46, 1-25.
- BERGER, P.L. e LUCKMANN, T. (1966) "A construção social da realidade". Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1974.
- BOHANNON, P. (1970) "The six stations of divorce". In: Bohannon, P., *Divorce and after: An analysis of the emotional and social problems of divorce*. New York, Double Day.
- BRANNEN, J. e COLLARD, J. (1982) "Marriages in trouble: The process of seeking help". Londres, Tavistock.
- DIAS, M. V.(1995) "Casamento e coabitação: imaginário e cotidiano". Dissertação de Mestrado, PUC-Rio.
- D'INCAO, M.A. (1992) "O amor e a separação". Em: Porchat, I. (org.), *Amor, casamento, separação*, SP, Brasiliense.
- DUCK, S. (1982) "Personal relationship. 4: Dissolving personal relationship". Londres, Academic Press.
- DOLTO, F. (1971) "Psicanálise e pediatria". RJ, Zahar Editores.

FÉRES-CARNEIRO, T. (1980) "Psicoterapia de casal: a relação conjugal e suas repercussões no comportamento dos filhos". Arquivo Brasileiro de Psicologia, RJ, 32 (4), pp.51-61.

_____. (1983) "Família: Diagnóstico e Terapia". Ed. Zahar, RJ.

_____. (1987) "Aliança e sexualidade no casamento e no recasamento". Psicologia: Teoria e Pesquisa, 3, pp.250-261.

_____. (org.) (1996) "Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal". Coletâneas da ANPEPP, RJ, ANPEPP, vol 1, n 1.

FERRO BUCHER, J.S.N. (1996) "Vínculo conjugal: da união à separação e o controle mútuo do destino". Em: Féres-Carneiro, T. (org.), Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal, RJ, ANPEPP, vol 1, n 1.

FIGUEIRA, S.A. (1981) "O contexto social da psicanálise". RJ, Ed. Francisco Alves.

_____. (org.) (1985) "Cultura da psicanálise". SP, Brasiliense.

_____. (org.) (1987) "Uma nova família ? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira". RJ, Zahar Editores.

- FLANDRIN, J.L. (1982) "A vida sexual dos casados na sociedade antiga". Em: Sexualidades ocidentais. SP, Ed. Brasiliense.
- FREIRE COSTA, J. (1979) "Ordem médica e norma familiar". RJ, Ed. Graal.
- GOFFMAN, E. (1952) "On cooling the mark out: some aspects of adaptation to failure". *Psychiatry*, 15, pp. 451-463.
- _____. (1959) "A representação do eu na vida cotidiana". Petrópolis, RJ, Vozes, 1983.
- _____. (1967) "Interaction ritual". Garden City, NY, Anchor.
- HABERMAS, J. (1971) "A família burguesa e a institucionalização de uma esfera privada referida à esfera pública." Em: Canevacci, M. (org.) *Dialética da família*. SP, Brasiliense, 1981.
- HALM, P. e TORERO, J. R. (1997) "Pequeno dicionário amoroso." Ed. Objetiva Ltda., Rio de Janeiro.
- MAGALHÃES, A. S. (1993) "Individualismo e conjugalidade: um estudo sobre o casamento contemporâneo". Dissertação de mestrado, PUC-Rio.
- MARTUSCELLO, C. (1992) "Família e conflito conjugal". RJ, Francisco Alves.

McCALL, G. & SIMMONS, J. (1966) "Identities and interactions". New York, Free Press.

MUSKAT, M. E. (1992) "Descasamento: a falência de um ideal". Em: Porchat, I. (org.) Amor, casamento, separação, SP, Brasiliense.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. (1987) "Sujeito e cotidiano: um estudo da dimensão psicológica do social". RJ, Ed. Campus.

_____. (1989) "Questões metodológicas sobre a análise de discurso". Psicologia: reflexão e crítica, vol 4, n 1/2.

_____. (1992) "Teorias linguísticas e concepções de linguagem". Arquivos Brasileiros de Psicologia, v 44, n 1/2.

_____. (1993) "A análise de discurso em questão". Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, v 10, n 2, pp. 317-331, 1994.

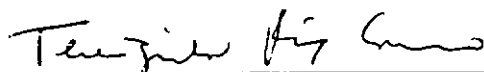
NEGREIROS, T.C. (1988) "Emancipação da mulher: uma luta". RJ, NEM/PUC.

RUSSO, J. & SANTOS, T.C. (1981) "Psicanálise e casamento". Em: Figueira, S.A. e Velho, G.(orgs.), Família, psicologia e sociedade. RJ, Ed. Campus.

SOUZA, O. (1992) "Uma visita ao amor e à conjugalidade na época de Freud". Agenda de Psicanálise, RJ.

- TRAVIS, S. (1997) "Conflitos conjugais: um estudo sobre as expectativas no casamento". Dissertação de Mestrado, PUC-Rio.
- VAUGHAN, D. (1986) "Uncompling: Turning points in intimate relationship". New York, Basic Books.
- VELHO, G. (1981) "Individualismo e cultura". RJ, Zahar Editores, 1987.
- VILHENA, J. (1988) "A vivência da separação: uma análise clínica". Psicologia clínica, Pós-Graduação e Pesquisa III, Depto. de Psicologia, PUC-Rio, RJ, pp.3-14.
- _____ (1991) "Viver junto nos mata. Separamo-nos é mortal". Em: Vilhena, J. (org.) Escutando a família: uma abordagem psicanalítica. RJ, Relume-Dumará.
- WILLI, J. (1990) "A construção diádica da realidade". Em: Andolfi, M. & Angelo, C. (org.) O casal em crise. SP, Summus, 1995.
- WOLFF, K.H. (org.) "The Sociology of Georg Simmel" (1902-3). New York, The Free Press, 1964.

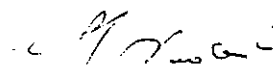
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pelo aluno Carlos Eduardo Veiga da Silva intitulada "*Partindo alianças, rompendo laços e seguindo em frente: Um estudo sobre o processo de separação conjugal*", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Profª. Terezinha Féres-Carneiro (Orientadora)
PUC-Rio



Profª. Maria Helena Novaes Mira
PUC/Rio



Profª. Ana Maria Nicolaci-da-Costa
PUC/Rio

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 5.7.9/1997.



Jurgén Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas